

MESTRADO
PSICOLOGIA

**VITIMIZAÇÃO SEXUAL: ESTUDO
EXPLORATÓRIO ACERCA DA
SATISFAÇÃO SEXUAL E
SATISFAÇÃO COM A VIDA EM
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS**

Sofia Trindade de Freitas

M

2020





**VITIMIZAÇÃO SEXUAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO ACERCA DA
SATISFAÇÃO SEXUAL E SATISFAÇÃO COM A VIDA EM ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIAS**

Sofia Trindade de Freitas

Setembro, 2020

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Ana Luísa de Matos Dias Quinta Gomes** (Investigadora do SexLab, FPCEUP) e co-orientada pelo Professor Doutor **Pedro Jorge da Silva Coelho Nobre** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Resumo

A sexualidade, na sua vertente mais desviante, ao longo dos anos tem vindo a ser alvo de investigação e, apesar dos comportamentos sexualmente agressivos serem normalmente e mais frequentemente associados a populações forenses, diversos estudos comprovaram que esses mesmos comportamentos também acontecem em populações não forenses, com especial destaque para as populações universitárias. Contudo, apesar da incidência desta problemática, são escassos os estudos que se focam nas consequências da vitimização em contexto universitário, nomeadamente ao nível das repercussões no bem-estar geral e sexual das vítimas. Deste modo, o presente estudo, de carácter exploratório, pretende contribuir para uma melhor compreensão do impacto da agressão sexual na satisfação com a vida e na satisfação sexual das vítimas deste tipo de violência.

Foi recrutada uma amostra constituída por 158 estudantes do sexo feminino da Universidade do Porto, sendo que estas foram convidadas a participar no estudo através do preenchimento de um conjunto de questionários disponibilizados numa plataforma *online*, destinados à avaliação de diversas dimensões psicosexuais. Os critérios de participação incluíram ter mais de 18 anos, saber ler e escrever a Língua Portuguesa e ser sexualmente ativa.

Os resultados evidenciaram a existência de uma associação significativa entre a vitimização sexual e a satisfação com a vida das estudantes universitárias. As análises comparativas mostraram que as estudantes que reportaram ter sido alvo de comportamentos sexualmente agressivos apresentaram níveis significativamente mais baixos de satisfação com a vida, comparativamente às que não reportaram histórico de vitimização sexual, após controlado o efeito da psicopatologia. Não se verificaram efeitos significativos relativamente à dimensão da satisfação sexual, apesar de se ter verificado uma tendência para as estudantes vitimizadas apresentarem valores mais baixos nesta dimensão.

Estes dados revelam a importância do estudo do impacto da agressão sexual no bem-estar geral das vítimas e destacam a necessidade de se investir no desenvolvimento de mais estudos, com amostras maiores e mais abrangentes, que contribuam para uma melhor compreensão do fenómeno da violência sexual e do seu impacto no bem-estar geral e sexual de jovens universitários/as.

Palavras-chave: Agressão Sexual, Vitimização Sexual, Satisfação com a Vida, Satisfação Sexual, Estudantes Universitários.

Abstract

Even though sexually aggressive behaviors are frequently associated with forensic populations, several studies have shown that these behaviors also occur in non-forensic populations, particularly among university students. Despite the prevalence of this problem among university students, research on the consequences of victimization, particularly on its repercussions in the general and sexual well-being of the victims is scarce. The objective of the present study was to explore the impact of sexual aggression on victim's sexual satisfaction and satisfaction with life.

A total of 158 female students from the Universidade of Porto participated in this study. Participants were invited to take part on the study by filling out a set of questionnaires made available on an online platform, designed to evaluate several psychosexual dimensions. Inclusion criteria was being 18 or older, being fluent in Portuguese, and sexually active.

The results demonstrate a significant association between sexual victimization and satisfaction with life of university students. Comparative analyzes indicated that students who reported sexual victimization presented significantly lower levels of satisfaction with life, when compared to those who did not report a history of sexual victimization, after controlling for the effect of psychopathology. Regarding sexual satisfaction, no significant results were found, although there was a tendency for victimized students to present lower levels of sexual satisfaction when compared to the non-victims.

These findings indicate the importance of studying the impact of sexual aggression on the general well-being of victims, and highlight the need to conduct future studies with larger and more representative samples, in order to better understand the phenomenon of sexual violence and its impact on the general well-being of young university students.

Keywords: Sexual Aggression, Sexual Victimization, Life Satisfaction, Sexual Satisfaction, University Students.

Résumé

La sexualité, dans sa forme la plus déviante, a fait l'objet de recherches au fil des ans et, bien que les comportements sexuellement agressifs soient généralement et plus souvent associés aux populations médico-légales, plusieurs études ont montré que ces mêmes comportements se produisent également dans des populations non médico-légales, en particulier les populations universitaires. Cependant, malgré l'incidence de ce problème, il existe peu d'études portant sur les conséquences de la victimisation dans un contexte universitaire, notamment en ce qui concerne les répercussions sur le bien-être général et sexuel des victimes. Ainsi, cette étude exploratoire vise à contribuer à une meilleure compréhension de l'impact des agressions sexuelles sur la satisfaction de vivre et la satisfaction sexuelle des victimes de ce type de violence.

Un échantillon composé de 158 étudiantes de l'Université de Porto a été recruté et elles ont été invitées à participer à l'étude en remplissant un ensemble de questionnaires mis à disposition sur une plateforme en ligne, visant à évaluer différentes dimensions psychosexuelles. Les critères de participation comprenaient le fait d'être âgé de plus de 18 ans, de savoir lire et écrire la langue portugaise et d'être sexuellement actif.

Les résultats ont montré l'existence d'une association significative entre la victimisation sexuelle et la satisfaction de la vie des étudiants universitaires. Des analyses comparatives ont montré que les étudiants qui ont signalé un comportement sexuellement agressif avaient des niveaux de satisfaction de vie significativement plus faibles que ceux qui n'ont pas signalé d'antécédents de victimisation sexuelle après avoir contrôlé l'effet de la psychopathologie. Il n'y a pas eu d'effets significatifs concernant la dimension de la satisfaction sexuelle, bien qu'il y ait une tendance à ce que les étudiants victimes aient des valeurs plus faibles dans cette dimension.

Ces données révèlent l'importance d'étudier l'impact des agressions sexuelles sur le bien-être général des victimes et soulignent la nécessité d'investir dans le développement d'études plus nombreuses, avec des échantillons plus importants et plus complets, qui contribuent à une meilleure compréhension du phénomène de la violence sexuelle et de son impact sur le bien-être général et sexuel des jeunes étudiants universitaires.

Mots clés: Agression Sexuelle, Victimisation Sexuelle, Satisfaction à l'égard de la vie, Satisfaction Sexuelle, Étudiants Universitaires.

Índice

ENQUADRAMENTO TEÓRICO	1
1. Introdução	1
2. A Agressão Sexual.....	2
2.1. A Agressão Sexual em Contexto Universitário	4
3. A Vitimização Sexual	6
4. O Bem-estar Geral e Sexual em Vítimas de Comportamentos Sexualmente Agressivos.....	9
4.1. Vitimização Sexual e Satisfação com a Vida	9
4.2. Vitimização Sexual e Satisfação Sexual	10
5. Objetivo e Hipóteses de Investigação	12
ESTUDO EMPÍRICO	14
1. Metodologia.....	14
1.1. Participantes	14
1.2. Procedimentos	15
1.3. Instrumentos	17
1.3.1. Questionário Sociodemográfico	17
1.3.2. Questionário de Experiências Sexuais – Forma Vitimização (SES-SFV).....	17
1.3.3. Escala de Satisfação com a Vida (SWLS)	18
1.3.4. Medida Global de Satisfação Sexual (GMSEX)	18
1.3.5. Inventário Breve de Sintomas (BSI).....	19
1.4. Procedimentos Estatísticos	20
2. Resultados	21
2.1. Análises Iniciais.....	21
2.2. Vitimização sexual, satisfação sexual e satisfação com a vida em estudantes universitárias	23
2.2.1. Satisfação com a Vida.....	23
2.2.2. Satisfação Sexual.....	24

3. Discussão	25
4. Conclusão	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXOS	38
Anexo A – Consentimento Informado	38
Anexo B – Questionário Sociodemográfico	40
Anexo C – Questionário de Experiências Sexuais – Forma Vitimização (SES-SFV)	42
Anexo D – Escala de Satisfação com a Vida (SWLS).....	45
Anexo E – Medida Global de Satisfação Sexual (GMSEX).....	46
Anexo F – Inventário Breve de Sintomas (BSI).....	47

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caraterísticas sociodemográficas das participantes (n=158)	15
Tabela 2. Valores médios e desvios-padrão das pontuações obtidas pelos grupos em diferentes dimensões psicosexuais	22
Tabela 3. Correlação entre o índice geral de sintomas psicopatológicos e a vitimização sexual das estudantes universitárias	23
Tabela 4. Correlação entre a dimensão da satisfação com a vida e a vitimização sexual das estudantes universitárias.....	23
Tabela 5. Satisfação com a vida em função da vitimização sexual. Análise univariada da covariância (covariável: índice de psicopatologia geral)	24
Tabela 6. Correlação entre a dimensão da satisfação sexual e a vitimização sexual das estudantes universitárias.....	24
Tabela 7. Satisfação sexual em função da vitimização sexual. Análise univariada da covariância (covariável: índice de psicopatologia geral)	25

Acrónimos e Abreviaturas

BSI *Brief Symptom Inventory* (Inventário Breve de Sintomas)

GMSEX *Global Measure of Sexual Satisfaction* (Medida Global de Satisfação Sexual)

SES-SFV *Sexual Experience Survey Short-Form Victimization* (Questionário de Experiências Sexuais – Forma Vitimização)

SWLS *Satisfaction With Life Scale* (Escala de Satisfação com a Vida)

Enquadramento Teórico

1. Introdução

A sexualidade, sendo uma dimensão inerente a qualquer indivíduo, é perspectivada como uma área de extrema relevância no desenvolvimento do ser humano, tendo influência na saúde física e mental, na qualidade de vida e no bem-estar, bem como nas interações interpessoais e intrapessoais dos indivíduos (Nodin, 2001).

O início da atividade sexual acontece, habitualmente, durante o período da juventude (OMS, 2001), altura do desenvolvimento caracterizado pela exploração, experimentação, procura de um papel social e de identificação com um estilo de vida (Arnett, 2000). Neste contexto, torna-se relevante conhecer e compreender quais as variáveis intervenientes na expressão da sexualidade dos jovens, bem como a forma como estas se articulam entre si na determinação de uma sexualidade saudável e gratificante. Para além disso, é fulcral ter em conta a multiplicidade de ofertas e novas experiências que são fornecidas aos jovens que ingressam no Ensino Superior e, por essa razão, esta fase deve ser reconhecida pela sua elevada e especial complexidade, tendo em conta que este se pode constituir também como um período crítico para o desenvolvimento de problemas sexuais e adoção de comportamentos de risco (Quinta Gomes & Nobre, 2014).

Estudos nacionais e internacionais têm revelado evidência significativa no que toca à adoção de comportamentos sexualmente agressivos por parte de jovens universitários (*e.g.*, Carvalho & Sá, 2017; Carvalho, Rosa, & Pereira, 2018; Fisher, Cullen, & Turner, 2000) e por essa razão se tem vindo a assistir a um interesse crescente em torno dos fatores que podem contribuir para a sua ocorrência, bem como das consequências que este tipo de comportamentos pode acarretar, a curto e a longo prazo, para a saúde e bem-estar das vítimas (WHO, 2006).

O presente estudo pretende contribuir para o conhecimento do impacto da agressão sexual no bem-estar geral e sexual de vítimas de comportamentos sexualmente agressivos, e pretende oferecer um contributo para o desenvolvimento de linhas orientadoras para futuras ações de prevenção e de intervenção nestas problemáticas.

2. A Agressão Sexual

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou, entre 2013 e 2017, um total de 3594 indivíduos vítimas de um crime sexual, representando um aumento de 93.5% entre as datas referidas (APAV, 2019), sendo que este tipo de violência tem aumentado significativamente entre adolescentes e jovens (Mendes, Duarte, Araújo, & Lopes, 2013). Estes números mostram que os crimes sexuais são uma realidade em faixas etárias mais jovens da população Portuguesa e merecem, por isso, ser alvo de atenção clínica e científica.

A violência sexual, segundo a Organização Mundial de Saúde (2012), é definida como “qualquer ato sexual, tentativas de obter um ato sexual, comentários ou insinuações sexuais não desejados, atos de tráfico ou dirigidos contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção, por qualquer pessoa, independente de sua relação com a vítima, em qualquer contexto” (OMS, 2012). A coerção, além da força física, pode abranger intimidação psicológica, chantagem, ameaça, bem como situações em que a vítima não se encontra com capacidade de dar consentimento, como por exemplo quando está sob o efeito de álcool, de substâncias psicoativas ou mentalmente incapaz de compreender a situação (WHO, 2002). Segundo Koss e colaboradores (1987), as experiências sexualmente agressivas podem assumir a forma de violação, tentativa de violação, coerção sexual e/ou contacto sexual (Koss, Gidycz, & Wisniewski, 1987).

No que concerne à concetualização do conceito de abuso sexual, esta não é feita de forma linear uma vez que existem diversos modelos que foram evoluindo ao longo do tempo, e que tentam identificar quais os fatores que contribuem para a perpetração deste tipo de violência. Deste modo, pela sua relevância científica, torna-se pertinente fazer referência ao *Precondition Theory*, preconizado por Finkelhor (1984), uma vez que foi o primeiro modelo proposto na área. Este defende a existência de quatro fatores proximais, isto é, associados ao ambiente físico do agressor, que antecedem e potenciam as situações de agressão sexual de menores. Neste sentido, o primeiro fator diz respeito à motivação, suportada pela coerência emocional, que está relacionada com a gratificação que o agressor sente pela excitação sexual sentida junto de crianças, bem como pelo fenómeno do “blockage”, que se reporta às dificuldades que o agressor sente em manter relações sexuais num contexto socialmente adequado e, por esse motivo, mantém relações de cariz sexual com crianças. O segundo fator refere-se ao facto da inibição, que normalmente se associa a este tipo de abuso, estar

comprometida devido, por exemplo, ao consumo de substâncias. O terceiro fator verifica-se quando condições externas ao sujeito, como por exemplo a falta de supervisão parental, potenciam a perpetração da situação de abuso. Por fim, o quarto fator diz respeito à resistência da vítima, sendo que o agressor adota estratégias de aproximação com o intuito de facilitar o ato abusivo. É ainda de referir que os autores perspetivam estes fatores de forma sequencial e cada um deles sendo necessário para a ocorrência do seguinte (Finkelhor, 1984).

Ward e Beech (2006), desenvolveram outro modelo teórico denominado *Integrated Theory of Sexual Offending*, sendo a mais recente conceitualização do conceito de abuso sexual. Os autores criaram este modelo com base na integração de múltiplos aspetos caracterizadores das principais teorias acerca dos comportamentos sexualmente agressivos. Assim sendo, à luz deste modelo, a agressão sexual resulta da interação dinâmica entre fatores distais e proximais, interação essa que determina o comportamento do indivíduo. Segundo os autores, existem três sistemas neuropsicológicos (sistema motivacional/emocional; sistema de controlo/ação; sistema de perceção/memória) que interagem entre si e dão origem a fatores estado, comumente evidenciados nos agressores sexuais, como por exemplo a excitação sexual desviante ou os défices de interação social. Consequentemente, os comportamentos sexualmente agressivos, por via da sua influência tanto a nível ambiental como a nível psicológico, reforçam estas vulnerabilidades, criando e mantendo um ciclo de acontecimentos abusivos. Ward e Beech (2006), referem que o seu modelo, tal como o nome indica, tem o potencial de reunir uma vasta gama de teorias atualmente aceites sobre o abuso sexual, apresentando, desse modo, um poder unificador e consistência interna. Para além disso, os autores basearam-se em descobertas empíricas, o que faz com que tenha um potencial de orientação bem fundamentado para modelos posteriores. Adicionalmente, referem que, em vez de inferir que cada classe de problemas tem uma causa comum, o modelo permite argumentar que por vezes têm causas únicas, localizadas em sistemas funcionais distintos, enfatizando a sua utilidade no âmbito dos sistemas de classificação de agressores sexuais (Ward & Beech, 2006).

As características e particularidades que podemos associar aos comportamentos sexualmente agressivos, bem como àqueles que os praticam, têm vindo a sofrer mudanças devido a uma significativa melhoria na compreensão deste fenómeno, sendo de realçar a especial atenção dada mais recentemente à população jovem que adota este tipo de comportamentos. Assim sendo, apesar da violência sexual ser normalmente associada à população adulta, novos estudos contrariaram a perspetiva de que as práticas sexuais

abusivas perpetradas por jovens derivavam apenas da labilidade e imprudência típica da idade, minimizando a gravidade e relevância dada à situação. Mostraram, também, que nesta faixa etária este tipo de transgressões acontecem, merecendo um lugar de destaque nas investigações realizadas sobre o fenómeno (Martins & Simões, 2019).

2.1. A Agressão Sexual em Contexto Universitário

Muitos casos de violência sexual em jovens ocorrem no contexto das suas relações de intimidade, levando a que não sejam por isso classificadas pelas vítimas como agressões ou percecionadas como abusos, nem como forma de violação as relações sexuais forçadas (Kuffel & Katz, 2002). Estas situações constituem um problema grave uma vez que legitimam esta forma de abuso e condicionam a obtenção de um conhecimento adequado sobre o mesmo, assim como a penalização dos respetivos ofensores.

No que diz respeito aos comportamentos sexualmente agressivos no contexto dos estudantes universitários, existem diversos fatores de risco identificados para a sua ocorrência. É de realçar que a juventude é perspectivada como sendo uma fase de extrema vulnerabilidade no que concerne à violência sexual, uma vez que é caracterizada por uma imaturidade emocional, inexperiência relacional e como o período de iniciação da atividade sexual (Serquina-Ramiro, 2005). Neste sentido, a referida imaturidade emocional faz com que os jovens atribuam mais importância e prioridade à satisfação momentânea e a curto prazo dos seus desejos e necessidades emocionais (Carvalho & Nobre, 2012; Carvalho, Quinta-Gomes, & Nobre, 2013), ao passo que esta fraca regulação emocional se associa a fatores como as distorções cognitivas e os défices de intimidade que, por sua vez, atuam como impulsionadores da agressão sexual (Carvalho & Nobre, 2012). No que concerne à inexperiência relacional, perspectivando a problemática a partir de uma vertente mais social, a pressão dos pares constitui-se também um fator de risco no contexto da agressão sexual. Segundo a literatura, os estudantes revelam uma tendência para a agressão sexual apoiada pelo suporte sentido pelos pares que reforçam esse tipo de comportamentos (Carr & VanDeusen, 2004 citado em Carvalho et al., 2013). A par da iniciação da atividade sexual e consequente inexperiência/imaturidade, a excitação sexual, como novidade e por essa razão prevalente na população universitária, pode também ter um papel fulcral na adoção de comportamentos sexuais agressivos uma vez que pode contribuir para a alteração da perceção das vantagens e desvantagens desses mesmos comportamentos (Fisher et al., 2010 citado em Carvalho et al., 2013). Outro fator que contribui para a ocorrência da agressão

sexual é a noção de incompetência sexual. Num estudo conduzido por Carvalho, Quinta-Gomes e Nobre (2013), os estudantes que relataram algum tipo de agressão sexual foram aqueles que revelaram também mais dificuldades de ereção e de orgasmo, bem como uma maior inibição sexual, associado ao facto de que nas interações sexuais não consensuais estes sentem menos pressão e preocupação com a sua performance (Carvalho et al., 2013).

Deste modo, o contexto universitário pode ser perspetivado como um meio facilitador da ocorrência de violência sexual, na medida em que a experiência universitária engloba um período de exploração, emancipação, de consumo de álcool, drogas e atividade sexual em concomitância com a integração em novos grupos sociais (APAV, 2013). A título de exemplo, estudos recentes têm demonstrado que a violência sexual, em particular a experiência de violação, se constitui como o crime violento mais comumente cometido nos *campus* universitários americanos (Fisher, Cullen, & Turner, 2000). No contexto Português, são ainda escassos os estudos realizados acerca desta temática, sendo o conduzido por Paiva e Figueiredo (2004) uma das exceções. O estudo realizado pelas autoras, focado na existência de abusos ocorridos no seio de relações de intimidade em jovens adultos portugueses (homens e mulheres universitários), oferece dados importantes acerca da prevalência de perpetração e vitimização das diferentes formas de abuso e dos fatores a eles associados. Concluíram que, em termos de prevalência, a coerção sexual perpetrada (18.9%) e sofrida (25.6%) se constitui o segundo tipo de abuso mais prevalente, ficando atrás somente do abuso psicológico, bem como uma das que ocorre mais continuamente (mais de doze vezes por ano). Os resultados revelaram também que a perpetração e a vitimização se encontram associadas, sugerindo que vítimas de abuso apresentam níveis superiores de probabilidade de se virem a tornar perpetradores, sendo que foi demonstrado que os homens perpetram quatro vezes mais coerção sexual do que as mulheres (Paiva & Figueiredo, 2004). No que diz respeito à ocorrência das formas de abuso, tendo em conta o grau de severidade, as autoras concluíram que as situações de coerção sexual acontecem mais vezes em formas ligeiras, em comparação com as formas mais severas (Paiva & Figueiredo, 2004).

Apesar da sua crescente importância e merecida atenção por parte da sociedade, a agressão sexual em contexto universitário trata-se de um fenómeno ainda pouco estudado a nível nacional, em particular na perspetiva da vitimização, pelo que se torna crucial desenvolver estudos com um foco acrescido nesta temática e população específica, no sentido de aumentar a compreensão acerca desta problemática e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento de estratégias de intervenção e prevenção mais refinadas

(Veríssimo et al., 2020; Rodrigues et al., 2011). A violência sexual contra as mulheres, por exemplo, constitui-se uma problemática persistente em todos os contextos e sociedades, contudo, as taxas de violência sexual em estudantes universitários são três vezes mais elevadas que na restante população (Aronowitz, Lambert, & Davidoof, 2012), o que reforça a importância de se avaliar com mais detalhe esta problemática em contexto universitário.

3. A Vitimização Sexual

O conceito de vitimização sexual abrange um conjunto de experiências sexuais violentas, coercivas e inadequadas que podem acarretar consequências nefastas para o desenvolvimento das vítimas (Greene & Navarro, 1998). Segundo Koss e colaboradores (1987), que identificaram quatro tipos de sexo indesejado, esse conjunto de experiências sexualmente agressivas podem incluir violação, tentativa de violação, coerção sexual e/ou contacto sexual (Koss, Gidycz, & Wisniewski, 1987).

As experiências de abuso têm vários efeitos adversos significativos nas vítimas, tanto a curto como a longo prazo, pelo que tem vindo a ser defendido que a vitimização não deve ser considerada apenas como um problema social, mas também como um problema de saúde pública (Rush, 2000). No que respeita às consequências sofridas pelas vítimas, os estudos têm mostrado de uma forma bastante consistente a existência a curto prazo de sequelas relacionadas com o choque, confusão, medo, agitação e retraimento social; e a longo prazo a ocorrência de stress pós-traumático, depressão, ansiedade generalizada e ideação suicida (Campbell, Dworkin, & Cabral, 2009; Jordan, Campbell, & Follingstad, 2010). No que concerne ao contexto universitário, esta forma de violência manifesta também consequências significativas ao nível do percurso académico, na medida em que a grande maioria das estudantes universitárias que sofreu de agressão sexual evidenciou, entre outros, limitações ao nível do desempenho escolar (Kilpatrick, Acierno, Resnick, Saunders, & Best, 1997).

Quando considerada, em contexto universitário, a violência sexual reflete-se, maioritariamente, em situações de violação, de assédio sexual ou de *sexting*, todavia, o número de denúncias continua a ser residual, uma vez que, naturalizados pela cultura da legitimação da violência sexual, não existe consciência da gravidade destes comportamentos (Neves, Correia, Torres, Borges, Silva, & Topa, 2018). Por sua vez, para Deming e colaboradores (2013), a maior dificuldade enquanto vítima é identificar-se como tal, pois

muitas vezes ficam reticentes à denúncia devido à vergonha ou ao estigma associado a uma vítima de violência sexual, sendo este fenômeno designado por vitimização secundária (Deming, Covan, Swan, & Billings, 2013). Neste sentido, Sabina e Ho (2014) defendem que as vítimas que apresentam maior probabilidade de denunciar a agressão sexual são aquelas que têm a capacidade de reconhecer o ato, de recordar grande parte do que ocorreu, de ter uma comunicação sexual para explicar de forma clara o ataque, e de ter consciência de que os familiares irão tomar conhecimento sobre o mesmo (Sabina & Ho, 2014).

Importa, ainda, referir que a vitimização pode ser experienciada de modo distinto, consoante a relação vítima-agressor, que pode ter diversos graus de familiaridade. Logan, Cole e Capillo (2007), defendem que as características da agressão sexual envolvem quatro aspetos fulcrais: (1) a localização onde ocorre a agressão, que difere conforme a relação com a vítima, ou seja, quando perpetradas por namorados/maridos, normalmente, ocorrem em casa da vítima; quando perpetradas por conhecidos ou estranhos, geralmente, ocorrem em locais públicos. (2) As estratégias utilizadas durante a agressão, sendo o método mais usual a coerção (*e.g.*, violência física). (3) A severidade da agressão, sendo a penetração vaginal o método mais utilizado pelos parceiros íntimos e pessoas conhecidas, e a estimulação sexual e o sexo oral pelas pessoas estranhas. (4) Por último, a severidade das lesões das vítimas, podendo resultar em fraturas em diversas partes do corpo e hematomas na face, não existindo diferenças entre os vários tipos de perpetradores (Logan, Cole, & Capillo, 2007).

No que concerne à evidência científica relativa à vitimização sexual, existem alguns estudos acerca da incidência desta problemática em contexto universitário, como é o caso do realizado por Abbey e colaboradores (1996), que contou com uma amostra representativa de estudantes universitários do sexo feminino dos Estados Unidos da América. Os resultados mostraram que 50% das participantes já tinha sido vítima de algum tipo de experiência sexual indesejada no relacionamento com o companheiro, sendo que 12% destes atos haviam sido perpetrados no contexto de uma relação casual e 43% em relações estabelecidas (Abbey, Ross, McDuffie, & McAuslan, 1996). Por sua vez, o estudo realizado por Neilson e colaboradores (2015), com uma amostra de 620 estudantes universitárias com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, concluiu que 28% das participantes já havia sofrido de agressão sexual antes de entrar na universidade, e que 22% foi sexualmente agredida desde que iniciara o seu percurso académico. De referir que 13% dos estudantes reportaram ter experienciado agressão sexual antes e durante a frequência universitária (Neilson, Gilmore, Pinsky, Shepard, Lewis, & George, 2015). Importa ainda referir o estudo

conduzido por Ford e Soto-Marquez (2016), envolvendo 19.884 estudantes universitários (6109 homens e 13775 mulheres), com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, que teve como objetivo avaliar a incidência de agressão sexual consoante a orientação sexual das vítimas. Os autores verificaram que cerca de uma em cada quatro mulheres heterossexuais sofreu agressão sexual, após os quatro anos académicos e que os homens homossexuais e bissexuais apresentaram níveis de vitimização sexual semelhantes às mulheres heterossexuais. Ainda, os autores concluíram que as mulheres bissexuais se constituíam o grupo mais vulnerável a sofrer de agressão sexual durante o período de frequência universitária, na medida em que constataram que duas em cada cinco haviam sofrido desse tipo de violência após os quatro anos académicos (Ford & Soto-Marquez, 2016).

No que toca à realidade Portuguesa, apesar de limitada, dispomos atualmente de alguma evidência científica no que respeita ao fenómeno da agressão/vitimização sexual no âmbito da população universitária Portuguesa e que comprovam a existência desta problemática nestas populações. A Federação Académica de Lisboa (FAL) realizou um estudo com 905 estudantes de diversas Universidades da área metropolitana de Lisboa, e revelou que aproximadamente 23% da amostra afirmava já ter sido vítima pelo menos uma vez de carícias, beijos e toques nas partes íntimas e genitais sem o seu consentimento (FAL, 2019). O estudo mostrou, ainda, que 34% dos participantes já tinha sido vítima de crimes sexuais, dos quais 12% afirmaram que esses crimes tinham ocorrido mais do que uma vez. O grupo de estudantes que já tinha experienciado algum tipo de violência sexual, cerca de 33% revelou que este tipo de agressão tinha sido perpetrada por conhecidos, 23% por colegas e 17% por pessoal não docente (FAL, 2019).

Posto isto, como se pode constatar através da revisão da literatura, o fenómeno da violência sexual e respetiva vitimização trata-se de uma problemática grave patente no contexto universitário, que pode conduzir a consequências severas nas vítimas, tanto ao nível do seu bem-estar geral como sexual. No entanto, apesar de haver dados acerca da incidência de agressão sexual em contexto universitário, os estudos não se têm debruçado sobre o impacto deste tipo de violência na satisfação com a vida e satisfação sexual das vítimas, pelo que o presente trabalho pretende contribuir para o aumento do conhecimento acerca da problemática, bem como acerca de dimensões que podem ser afetadas pela sua ocorrência, nomeadamente a satisfação com a vida e a satisfação sexual.

4. O Bem-estar Geral e Sexual em Vítimas de Comportamentos Sexualmente Agressivos

A vida universitária, coincidente com o período da juventude, como já vimos anteriormente, pode ser caracterizada como um período crítico do desenvolvimento humano. O facto de se constituir um período de novidade, exploração e experimentação constantes, evidencia a importância do estudo de variáveis como o bem-estar global e sexual, na medida em que se tratam de dimensões centrais impactantes na qualidade de vida. Quando nos reportamos a vítimas de comportamentos sexualmente agressivos, esta importância adquire ainda mais ênfase, uma vez que, tal como a literatura indica, a vitimização sexual origina diversos efeitos adversos a curto e longo prazo, podendo comprometer a qualidade de vida dos estudantes (*e.g.*, Jordan, Campbell, & Follingstad, 2010; Kilpatrick, Acierno, Resnick, Saunders, & Best, 1997).

4.1. Vitimização Sexual e Satisfação com a Vida

A satisfação com a vida, tem vindo a ser concetualizada como a componente cognitiva de um conceito mais amplo, o bem-estar subjetivo (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985), baseada na avaliação global que o sujeito constrói da sua satisfação e qualidade de vida, de acordo com os seus próprios critérios, onde são determinantes as circunstâncias de vida, valores e objetivos pessoais (Pavot & Diener, 1993). Assim, dá-se uma avaliação de aspetos reais da vida, em que são ponderados pontos positivos e negativos, podendo ser influenciada por variáveis como a idade, o género, o nível socioeconómico e a cultura, e está diretamente ligada às crenças que se estabelecem para o próprio, para o mundo e para o futuro. Esta avaliação pode ter em conta diversos domínios da vida e caracteriza-se pela estabilidade temporal e pelo facto de não ser completamente dependente do estado emocional no momento da mesma (Giacomoni, 2002).

Como já foi referido anteriormente, a juventude diz respeito a uma fase complexa do desenvolvimento humano, pelo que as suas particulares vulnerabilidades associadas ao autoconhecimento, autodescoberta e independência emergente constituem-se fatores de risco ao seu bem-estar geral e, conseqüentemente, à sua satisfação com a vida. A importância da satisfação com a vida nesta população tem vindo a ser evidenciada em estudos longitudinais que demonstram que níveis baixos desta dimensão se constituem preditores de futuras externalizações e internalizações comportamentais, bem como de experiências de

vitimização (Haranin, Huebner, & Suldo, 2007; Martin, Huebner, & Valois, 2008). Além disso, Suldo e Huebner (2004) verificaram que jovens com elevada satisfação com a vida estavam menos propícios a adotar comportamentos externalizadores após vivenciar stressores de vida significativos.

A relação entre a satisfação com a vida e as experiências sexuais é complexa e pouco linear. A investigação tem evidenciado que a atividade sexual e a satisfação sexual se encontram significativamente associadas à satisfação com a vida (Laumann et al., 2006), pelo que, dentro do bem-estar pessoal, a sexualidade representa uma das valências com impacto significativo sobre a qualidade e consequente satisfação com a vida (Vilarinho, 2010). Ainda assim, denota-se uma escassez de investigação desta dimensão no contexto da vitimização, pelo que urge a necessidade de trabalhar nesse sentido, de modo a aumentar o conhecimento acerca da relação entre estas dimensões.

4.2. Vitimização Sexual e Satisfação Sexual

O bem-estar sexual é operacionalizado no funcionamento sexual, que engloba a frequência da atividade sexual, o desejo sexual, as preocupações sexuais, entre outros. Estas variáveis têm-se revelado significativamente relacionadas com a satisfação sexual, sendo que níveis mais elevados de bem-estar se demonstram associados a melhores índices de funcionamento e satisfação sexuais (Henderson, Lehavot, & Simoni, 2009).

No que diz respeito a esta variável, é de realçar que não existe uma definição concetual consistente da mesma. O que acontece é que diversos autores utilizam o termo satisfação sexual sem o definirem ou, noutros casos, usam uma definição redundante concetualizando a satisfação sexual como sendo o grau de satisfação que a pessoa sente em relação à sua vida sexual. A sua definição operacional é também perspetivada como sendo inconsistente e inadequada, dado que vários investigadores avaliam esta variável numa única escala bipolar (satisfeito ou não) e para além disso são utilizadas diferentes designações para essa mesma escala (*e.g.*, sexualmente satisfeito/sexualmente insatisfeito; sexualmente satisfeito/sexualmente frustrado), não estando clara a equivalência entre elas. Estas inconsistências na operacionalização e avaliação da satisfação sexual refletem-se em falhas na compreensão da variável, dificultando, posteriormente, a análise e compreensão dos resultados obtidos em investigações (Byers, 2007).

Numa tentativa de colmatar esta inconsistência, Lawrence e Byers (1995), desenvolveram um modelo teórico denominado *Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction (IEMSS)*, defendendo que a perspectiva que os sujeitos adotam acerca dos seus relacionamentos, deriva da avaliação que fazem das recompensas e dos custos que esses mesmos relacionamentos lhes podem dar. O modelo foi preconizado a partir das teorias das trocas interpessoais, sendo que tem a ele implícita a compreensão da satisfação sexual. Deste modo, os autores propõem uma definição de satisfação sexual, considerando-a uma resposta afetiva originada a partir de uma avaliação positiva ou negativa dos aspetos referentes à sua relação sexual. Esta definição engloba componentes afetivos e avaliativos e, nesse sentido, diferencia a satisfação de construtos puramente afetivos, como a felicidade, bem como de construtos puramente avaliativos, como o sucesso. É de realçar que o *IEMSS* originalmente não incluía aspetos não sexuais, no entanto, com base na constatação de que a satisfação no relacionamento contribui de maneira única para a satisfação sexual, além da contribuição das trocas sexuais, estes foram posteriormente adicionados. A satisfação sexual é assim considerada uma componente relevante da sexualidade humana, influenciando a qualidade de vida das pessoas, tanto a nível da saúde psíquica, física (Scott, Sandberg, Harper, & Miller, 2012), bem como a nível do bem-estar global (Dundon & Rellini, 2010).

As investigações realizadas neste contexto defendem a existência de uma associação entre as experiências sexuais e o contexto relacional onde estas ocorrem (Henderson-King & Veroff, 1994; Hurlbert & Apt, 1994; Sprecher, 2002; Sprecher & Cate, 2004; Yela, 2000 citado em Vilarinho, 2010). Neste sentido, afirma-se que a dimensão não sexual dos relacionamentos tem impacto nas respetivas experiências sexuais, fazendo com que estas variem entre positivas e negativas, sendo que níveis elevados de satisfação sexual se associam a uma maior qualidade e estabilidade dos relacionamentos íntimos (Byers & Wang, 2004; Sprecher & Cate, 2004; Christopher & Sprecher, 2000; Davidson & Darling, 1988; Schenk, Pfrang, & Rausch, 1983 citado em Vilarinho, 2010).

Os estudos que procuraram estudar a satisfação sexual no contexto da violência sexual têm-se centrado maioritariamente nos efeitos e consequências que estas situações podem originar nas vítimas. A título de exemplo, os estudos conduzidos por Feldman-Summers, Gordon, e Meagher (1979) e por Orlando e Koss (1983), que procuraram avaliar o impacto da vitimização sexual na satisfação sexual em mulheres, demonstraram que a experiência de uma situação de violência sexual tem um impacto significativo e negativo em diversos aspetos da vida sexual, sendo a satisfação sexual um deles (Summers et al., 1979).

De uma forma geral, os resultados revelaram que mulheres sexualmente vitimizadas relataram menores níveis de satisfação sexual, quando comparadas com um grupo de mulheres não-vitimizadas (Orlando & Koss, 1983).

Ainda que a satisfação sexual se constitua uma dimensão central para o bem-estar geral e sexual dos indivíduos, a evidência científica acerca desta dimensão em vítimas de agressão sexual é escassa a nível nacional, em particular ao nível do contexto universitário, pelo que se torna crucial direcionar a atenção para esta temática e conduzir mais estudos para avaliar a relação entre estas dimensões.

5. Objetivo e Hipóteses de Investigação

Tendo em conta a elevada incidência e prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitários/as, bem como as consequências negativas que este tipo de experiências abusivas acarretam para as vítimas, torna-se fundamental conhecer o impacto que este tipo de agressão, perpetrada antes ou durante a frequência universitária, pode ter ao nível do bem-estar geral e sexual das vítimas. Neste sentido, o presente estudo propõe-se a avaliar a relação entre a violência sexual e as dimensões da satisfação com a vida e da satisfação sexual das vítimas deste tipo de agressão, pretendendo, assim, contribuir para o alargamento do escasso conhecimento acerca destas dimensões e oferecer um contributo para o desenvolvimento futuro de intervenções na área da saúde psicológica e sexual em contexto universitário.

Ainda que se trate de um estudo de carácter exploratório, avançamos com algumas hipóteses de investigação, com o propósito de aprofundar o conhecimento sobre as variáveis em estudo:

Hipótese 1: Espera-se encontrar associações negativas entre a vitimização sexual e os níveis de satisfação com a vida das estudantes universitárias.

Hipótese 2: Espera-se encontrar associações negativas entre a vitimização sexual e os níveis de satisfação sexual das estudantes universitárias.

Hipótese 3: Espera-se que as estudantes universitárias vítimas de comportamentos sexualmente agressivos apresentem níveis significativamente mais baixos de satisfação com

a vida, comparativamente às estudantes que não reportaram histórico de vitimização sexual, após ser controlado o efeito de psicopatologia.

Hipótese 4: Espera-se que as estudantes universitárias vítimas de comportamentos sexualmente agressivos apresentem níveis significativamente mais baixos de satisfação sexual, comparativamente às estudantes que não foram vítimas de agressão sexual, após ser controlado o efeito da psicopatologia.

Estudo Empírico

1. Metodologia

1.1. Participantes

Cerca de 526 estudantes do sexo feminino participaram neste estudo, das quais 158 foram consideradas participações válidas (preenchimento completo dos questionários). As participantes foram divididas em dois grupos distintos, consoante a existência auto-relatada de alguma forma de vitimização sexual ou a ausência da mesma (respostas obtidas por intermédio do *Questionário de Experiências Sexuais – Forma Vitimização*; Koss et al., 2007). Assim, um dos grupos, designado por Estudantes Vitimizadas foi composto por 74 (46.8%) estudantes que relataram ter sido alvo de pelo menos um episódio de agressão sexual antes ou durante a frequência universitária; e o segundo grupo integrou 84 (53.2%) estudantes que indicaram nunca ter sido alvo de agressão sexual, e que se designou por Estudantes Não Vitimizadas. Conforme se pode verificar na Tabela 1, a média de idades de ambos os grupos foi de 22 anos (Grupo de Estudantes Vitimizadas: DP=3.5; Grupo de Estudantes Não Vitimizadas: DP=4.8).

No que diz respeito às habilitações literárias, a quase totalidade das estudantes vitimizadas (98.5%) e das não vitimizadas (95.2%) encontrava-se a frequentar a Licenciatura/Mestrado Integrado, tendo-se também registado 3.6% de estudantes não vitimizadas a frequentar o Doutoramento (*cf.* Tabela 1).

Relativamente à orientação sexual, a maioria das estudantes vitimizadas definiu-se como exclusivamente (58.1%) e predominantemente (23%) heterossexual, tendo-se ainda registado a identificação de cerca de 14.9% como bissexual e 1.4% como predominantemente homossexual. Das estudantes que compuseram o grupo não vitimizado, a grande maioria definiu a sua orientação sexual como exclusivamente heterossexual (72.6%), tendo-se ainda identificado 16.7% como predominantemente heterossexual, 6% como bissexual, 1.2% como predominantemente homossexual e também 1.2% como exclusivamente homossexual (*cf.* Tabela 1).

No que respeita ao estado relacional na altura do estudo, a grande maioria das estudantes vitimizadas (74.3%) e das estudantes não vitimizadas (75%) encontrava-se numa relação íntima exclusiva com um/a parceiro/a, seguindo-se aquelas que não se encontravam em nenhuma relação (Grupo de Estudantes Vitimizadas: 24.3%; Grupo de Estudantes Não

Vitimizadas: 21.4%) e, por fim, as que se encontravam numa relação íntima com vários/as parceiros/as (Grupo de Estudantes Vitimizadas: 1.4%; Grupo de Estudantes Não Vitimizadas: 3.6%; cf. Tabela 1).

Tabela 1. Características sociodemográficas das participantes (n=158)

	Estudantes Vitimizadas		Estudantes Não Vitimizadas	
	(N=74)		(N=84)	
Idade				
Média	21.45		21.82	
Desvio-Padrão	3.54		4.78	
Mínimo-Máximo	18-35		18-50	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
Habilitações Literárias				
Licenciatura/Mestrado Integrado	71	98.5	79	95.2
Doutoramento	-	-	3	3.6
Orientação Sexual				
Exclusivamente heterossexual	43	58.1	61	72.6
Predominantemente heterossexual	17	23	14	16.7
Bissexual	11	14.9	5	6
Predominantemente homossexual	1	1.4	1	1.2
Exclusivamente homossexual	-	-	1	1.2
Situação Relacional				
Sem relação	18	24.3	18	21.4
Relação íntima com vários/as parceiros/as	1	1.4	3	3.6
Relação íntima exclusiva com um/a parceiro/a	55	74.3	63	75

1.2. Procedimentos

Após ser dada a aprovação pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, a recolha de dados foi efetuada através de

um questionário construído especificamente para este estudo e divulgado na plataforma online *LimeSurvey - Inquéritos@UP*. A decisão de divulgar este instrumento através de uma plataforma online resultou da expectativa de, através deste meio, conseguir alcançar um número elevado e diversificado de pessoas, permitindo-lhes que respondessem no momento que considerassem mais oportuno e de forma absolutamente anónima. Para além disso, considerou-se pertinente a divulgação online deste questionário dada a temática do presente estudo, sensível, íntima, potencialmente intrusiva, e que poderia afastar potenciais participantes se se optasse por um registo face a face, bem como inibir as respostas de quem se dispusesse a participar. O método utilizado para a divulgação e recolha de informação foi o método *Snowball*, sendo que se recorreu a múltiplas redes sociais e outros meios eletrónicos de forma a que fosse recolhido o maior número de dados possível.

Após ser obtido o consentimento informado (*cf.* Anexo A), depois de disponibilizada informação acerca da garantia de anonimato e confidencialidade das respostas, bem como a proteção de dados, os participantes foram, então, convidados a responder a um conjunto de questionários, devidamente acompanhados pelas respetivas instruções. Foi dada a informação de que os dados apenas serviriam para fins estatísticos e que dispunham da possibilidade de desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, na medida em que se tratou de uma participação voluntária. Foram explicitados os objetivos do estudo em causa, bem como fornecidos contactos para o caso de algum participante necessitar de apoio ou esclarecimento acerca da sexualidade ou de problemas sexuais.

Considerando o objetivo do presente trabalho, os critérios para participação neste estudo incluíam ser estudante universitário na Universidade do Porto; ter uma idade igual ou superior a 18 anos; e reportar ser sexualmente ativo (qualquer tipo de atividade sexual). Os participantes responderam, então, a um de três questionários distintos disponíveis, conforme pertencessem ao género feminino, masculino ou “outra identificação”. Contudo, não foi possível analisar os dados relativamente ao formulário “outra identificação” devido ao número de participantes ser muito reduzido ($N=6$), da mesma forma que não foram tratados os dados relativos à amostra masculina pelo número reduzido de homens a reportar vitimização sexual ($N=16$). Por fim, as informações recolhidas foram analisadas através do *software IBM SPSS Statistics para Windows*.

1.3. Instrumentos

Os instrumentos de avaliação utilizados neste estudo fazem parte de um protocolo de avaliação mais abrangente, utilizado no âmbito de um estudo global realizado pelo Laboratório de Investigação em Sexualidade Humana do Centro de Psicologia da Universidade do Porto, intitulado “Saúde Sexual da Comunidade Académica da Universidade do Porto”, e serão resumidamente descritos de seguida:

1.3.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico (*cf.* Anexo B), foi desenvolvido especificamente para o estudo global “Saúde Sexual da Comunidade Académica da Universidade do Porto”, e contempla questões destinadas a avaliar os dados/caraterísticas sociodemográficas dos participantes (idade, género, situação relacional, habilitações literárias, ocupação), e inclui ainda informação respeitante ao comportamento sexual, à história médica, à religião e ao consumo de substâncias.

1.3.2. Questionário de Experiências Sexuais – Forma Vitimização (SES-SFV)

O *Questionário de Experiências Sexuais – Forma Vitimização* (Koss et al., 2007), tem como objetivo estimar a frequência de cada tipo de contacto sexual indesejado e/ou a taxa de cada estratégia recorrida para a existência desse tipo de contacto. Além disso, permite tomar conhecimento acerca da prevalência de vitimização sexual, utilizando categorias: não vítimas, vítimas de toques sexuais indesejados, vítimas de coerção sexual, vítimas de tentativa de violação, vítimas de violação.

O questionário (*cf.* Anexo C) é composto por 7 grupos de questões, ordenadas segundo o grau de intrusividade dos atos alegadamente sofridos, iniciando com uma questão relativa a contatos sexuais indesejados, seguida de uma questão relativa à prática de sexo oral, outra relativa a sexo vaginal e outra referente a sexo anal. As três últimas focam-se na tentativa de prática de sexo oral, tentativa de sexo vaginal e tentativa de sexo anal, respetivamente. Cada grupo de questões contém cinco alíneas, referentes às estratégias usadas na consumação do comportamento sexual abusivo. É pedido que se assinale o “número de vezes” em que tal aconteceu (foi vítima), de entre quatro possibilidades de escolha (“0 vezes”, “1 vez”, “2 vezes”, “3 ou mais”), sendo solicitado que o faça relativamente aos “últimos 12 meses” e “desde os 14 anos”. Por último, é questionado o

género e a idade do participante, se algum dos atos descritos no questionário ocorreram 1 ou mais vezes, qual o sexo da(s) pessoa(s) que lhe fizeram estes atos e se alguma vez foi violado/a.

O estudo da consistência interna do *Questionário de Experiências Sexuais (SES)* tem sido alvo de pouca atenção. Ainda assim, os escassos estudos realizados neste âmbito evidenciaram que o *SES* tem revelado níveis de consistência interna próximos do nível mais baixo de aceitabilidade quando medido pelo *alfa de Cronbach*, tipicamente a rondar .70 (Martins, 2012).

1.3.3. Escala de Satisfação com a Vida (SWLS)

A *Escala de Satisfação com a Vida* (Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985), tem como intuito avaliar apreciações cognitivas globais dos indivíduos acerca da sua própria vida, sendo que se trata de um instrumento que pode ser usado com diferentes grupos etários e requer habitualmente cerca de um minuto para ser respondido. É composto por 5 itens com um formato de resposta tipo Likert, variando de 1 (Discordo Totalmente) a 7 (Concordo Totalmente) e com uma amplitude que varia entre 5 (Satisfação Mínima) a 35 (Satisfação Máxima) (*cf.* Anexo D).

A escala apresenta características psicométricas adequadas, tais como elevada estabilidade temporal (correlação teste-reteste, com intervalo de 2 meses, de $r = .82$) e consistência interna (coeficiente *alfa de Cronbach* com valores entre .85 e .87). Os resultados obtidos mostram ainda boa validade convergente desta escala com outras medidas de bem-estar subjetivo e apresentam correlação previsível com características de personalidade específicas.

Na adaptação para a população portuguesa, a *SWLS* revelou ter propriedades psicométricas desejáveis, com um *alfa de Cronbach* de .78 para avaliar a consistência interna. Todos os itens demonstram, também, uma relação altamente significativa relativamente ao score total ($p < .001$) (Neto, Barros & Barros, 1990).

1.3.4. Medida Global de Satisfação Sexual (GMSEX)

A *Medida Global de Satisfação Sexual* (Lawrence & Byers, 1998), tem como objetivo avaliar a satisfação sexual global no contexto de uma relação íntima, com base na

questão “Na globalidade, como descreveria a sua relação sexual com o/a seu/sua companheiro/a?” (cf. Anexo E). A medida é composta por uma escala de Likert de 7 pontos, sendo que essa escala engloba 5 dimensões bipolares (Muito Boa – Muito Má; Muito Agradável – Muito Desagradável; Muito Positiva – Muito Negativa; Muito Satisfatória – Muito Insatisfatória; Muito Importante – Muito Irrelevante). A sua pontuação é feita de forma aditiva, sendo que a pontuações mais elevadas correspondem níveis mais baixos de satisfação sexual.

Foram confirmadas boas qualidades psicométricas, tanto em termos de validade, como em termos de fidelidade, especialmente a nível da consistência interna, apresentando valores de *alfa de Cronbach* sempre superiores a .90. No que concerne à população Portuguesa, foram também realizados estudos psicométricos, que demonstraram, em termos de fidelidade, que a versão Portuguesa da medida é consistente, apresentando valores de *alfa de Cronbach* elevados (igual ou superior a .83) (Pascoal, Narciso, Pereira, & Ferreira, 2013). Além disso, os autores confirmaram uma estrutura unifatorial da escala, constatando uma adequada validade do instrumento (Pascoal et al., 2013).

1.3.5. Inventário Breve de Sintomas (BSI)

O *Inventário Breve de Sintomas* (Derogatis & Spencer, 1982), trata-se de uma versão abreviada do *SCL-90-R*, e tem como objetivo avaliar a presença de sintomas psicopatológicos segundo nove dimensões (somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranoide e psicoticismo). Assim, os indivíduos devem classificar o grau em que cada problema apresentado o afetou durante a última semana, com base numa escala de Likert, de 1 (Nunca) a 5 (Muitíssimas Vezes) (cf. Anexo F). Permite compreender qual a sintomatologia que mais perturba o indivíduo a partir da leitura dos índices globais, que dizem respeito às avaliações sumárias de perturbação emocional.

O inventário está validado para a população portuguesa (Canavarro, 1995), tendo a vantagem de poder ser aplicado não só a doentes psiquiátricos mas também à população geral (Derogatis & Melisaratos, 1983). As qualidades psicométricas da versão Portuguesa, no que concerne à consistência interna entre as subescalas, esta localiza-se entre os valores de *alfa de Cronbach* .62 e .80. Canavarro (2007) aponta o valor igual ou superior a 1.7 como ponto de corte.

1.4. Procedimentos Estatísticos

Os dados obtidos através dos questionários apresentados anteriormente foram analisados através do programa de análise estatística *IBM SPSS Statistics* para *Windows*, versão 26.

De forma a avaliar possíveis associações entre a vitimização sexual e as dimensões da satisfação sexual e satisfação com a vida das estudantes universitárias, realizaram-se análises de correlação de *Pearson*. Uma vez que se pretendia utilizar a dimensão da psicopatologia como covariável nos estudos comparativos, foi também calculada a correlação entre esta dimensão e a vitimização sexual das estudantes universitárias, de modo a avaliar a sua relação.

Com o intuito de avaliar a existência de diferenças significativas entre os dois grupos nas variáveis em estudo, foram realizadas, de forma independente para cada dimensão, análises univariadas da covariância (ANCOVA), utilizando-se como variável independente a vitimização sexual (grupo com vitimização vs. grupo sem vitimização), e como variáveis dependentes as pontuações médias nas dimensões de satisfação com a vida, avaliada pela escala *SWLS*, e de satisfação sexual, avaliada pela escala *GMSEX*. O índice de psicopatologia geral, avaliado pelo inventário de sintomas *BSI*, foi introduzido nas análises como covariável, na medida em que a psicopatologia se poderia constituir como variável confundente dos resultados.

Considerou-se como indicador de significância estatística o nível de significância abaixo de .05 ($p < .05$). Para os coeficientes de correlação de *Pearson*, a força das associações foi analisada segundo as diretrizes sugeridas por Cohen (1988): $r = .10$ a $.29$ – correlação baixa; $r = .30$ a $.49$ - correlação moderada; $r = .50$ a 1 - correlação forte.

2. Resultados

2.1. Análises Iniciais

Os dados descritivos mostraram que 53.2% ($N=84$) das estudantes não apresentaram historial de vitimização sexual e, por sua vez, que 48.8% ($N=74$) reportaram ter sido vítimas de algum tipo de comportamento sexualmente agressivo, tendo o índice de vitimização, calculado através do *SES-SFV*, sido de 9.4 (DP=13.97).

No que concerne às descritivas relativas às variáveis em estudo (*cf.* Tabela 2), estas revelaram que, no que concerne à satisfação com a vida, as estudantes que reportaram vitimização sexual obtiveram valores médios no *SWLS* de 20.8 (DP=6.7), enquanto que as estudantes que reportaram não ter sido alvo de comportamentos sexualmente agressivos obtiveram pontuações médias de 23.8 (DP=6.5). No que respeita à satisfação sexual, as estudantes sexualmente vitimizadas obtiveram pontuações médias de 9.5 (DP=4.6), enquanto que as não vitimizadas obtiveram pontuações médias no *GMSEX* de 9.3 (DP=4.8).

Em relação aos indicadores de psicopatologia e conforme indicado na Tabela 2, as estudantes que reportaram já ter sido alvo de comportamentos sexualmente agressivos evidenciaram pontuações médias de 23.5 (DP=13.5) no índice geral de sintomas (IGS) do *BSI*, enquanto que as estudantes que não reportaram histórico de vitimização sexual obtiveram pontuações médias de 19.5 (DP=12.7) na referida dimensão. Por sua vez, no que toca à dimensão da ansiedade, as estudantes sexualmente vitimizadas apresentaram pontuações médias de 8.6 (DP=5.2), enquanto que as não vitimizadas exibiram pontuações médias de 7.5 (DP=5.3). Na dimensão da depressão, as estudantes que reportaram já ter sido alvo de comportamentos sexualmente agressivos evidenciaram pontuações médias de 10.2 (DP=6.1), enquanto que as que reportaram não ter sido alvo desses mesmos comportamentos evidenciaram pontuações médias de 8.5 (DP=5.7). Na dimensão que avalia a somatização, as estudantes vitimizadas obtiveram pontuações médias de 4.8 (DP=4.1), enquanto que as não vitimizadas obtiveram pontuações médias de 3.5 (DP=3.7).

Tabela 2. Valores médios e desvios-padrão das pontuações obtidas pelos grupos em diferentes dimensões psicosexuais

	Estudantes Vitimizadas		Estudantes Não Vitimizadas	
	<i>N</i> = 74		<i>N</i> = 84	
	Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão
Índice de Vitimização (SES)	9.43	13.97	0	0
Satisfação com a Vida (SWLS)	20.77	6.7	23.81	6.47
Satisfação Sexual (GMSEX)¹	9.54	4.64	9.33	4.75
Índice Geral de Sintomas (BSI)	23.58	13.52	19.52	12.67
Dimensão Ansiedade	8.55	5.22	7.5	5.34
Dimensão Depressão	10.19	6.08	8.49	5.66
Dimensão Somatização	4.84	4.05	3.54	3.71

¹ Os valores apresentados correspondem aos valores totais obtidos por cada participante na escala *GMSEX* (valores mais elevados significam uma menor satisfação sexual).

Ainda que não se constitua variável central sujeita a avaliação neste estudo, tendo em conta os dados recolhidos através das análises descritivas relativamente aos indicadores de psicopatologia (*cf.* Tabela 2) e uma vez que tem vindo a ser defendido na literatura que as vítimas de comportamentos sexualmente agressivos apresentam níveis mais elevados de sofrimento emocional e desenvolvem mais quadros psicopatológicos (*e.g.*, Souza, 2012), considerou-se pertinente avaliar a associação existente entre este tipo de violência e o índice geral de sintomas (IGS) do *BSI*. Neste sentido, foi realizada uma análise de correlação de *Pearson* (*cf.* Tabela 3), que demonstrou uma correlação estatisticamente significativa positiva e baixa, $r = .177$; $p < .05$, entre a vitimização sexual e o índice geral de sintomas psicopatológicos.

Tabela 3. Correlação entre o índice geral de sintomas psicopatológicos e a vitimização sexual das estudantes universitárias

	Vitimização Sexual	
	<i>p</i>	Correlação de <i>Pearson</i>
Índice Geral de Sintomas (BSI)	.026	.177 *

Nota. * $p < .05$

Posto isto, o índice de psicopatologia geral, avaliado pelo inventário de sintomas *BSI*, foi introduzido nas análises posteriores como covariável, na medida em que a psicopatologia se poderia constituir como variável confundente dos resultados.

2.2. Vitimização sexual, satisfação sexual e satisfação com a vida em estudantes universitárias

2.2.1. Satisfação com a Vida

De forma a avaliar possíveis associações entre a vitimização sexual e a dimensão da satisfação com a vida das estudantes universitárias, foi realizada uma análise de correlação de *Pearson*. Esta análise demonstrou uma correlação estatisticamente significativa negativa e baixa, $r = -.176$; $p < .05$, entre as duas dimensões (*cf.* Tabela 4).

Tabela 4. Correlação entre a dimensão da satisfação com a vida e a vitimização sexual das estudantes universitárias

	Vitimização Sexual	
	<i>p</i>	Correlação de <i>Pearson</i>
Satisfação com a Vida (SWLS)	.027	-.176 *

Nota. * $p < .05$

De forma a verificar a possível existência de diferenças significativas ao nível da satisfação com a vida entre as estudantes que reportaram já ter sido alvo de comportamentos sexualmente agressivos e as estudantes que não reportaram histórico de vitimização sexual, foi realizada uma análise univariada da covariância (ANCOVA). Para o efeito, usou-se como variável independente a vitimização sexual (grupo com vitimização sexual vs. grupo sem vitimização sexual) e como variável dependente as pontuações obtidas na dimensão de satisfação com a vida, avaliada pela escala *SWLS*. Foi introduzida na análise como covariável

o índice geral de sintomas (*IGS*), avaliado pelo *BSI*, na medida em que esta dimensão se poderia constituir variável confundente dos resultados.

Assim sendo, depois de controlado o efeito da covariável, a análise univariada da covariância revelou a existência de diferenças significativas entre os grupos, $F(1,155) = 5.122$; $p < .05$; $\eta^2 = .032$ (cf. Tabela 5). Os resultados do teste *post hoc* de Bonferroni referentes às médias ajustadas mostraram que as estudantes sexualmente vitimizadas apresentam pontuações médias significativamente inferiores de satisfação com a vida ($M = 21.2$; $DP = .7$), comparativamente às estudantes não vitimizadas ($M = 23.4$; $DP = .66$; cf. Tabela 4).

Tabela 5. Satisfação com a vida em função da vitimização sexual. Análise univariada da covariância (covariável: índice de psicopatologia geral)

	Vitimização Sexual				$F(1,155)$	p	η^2 parcial
	Estudantes Vitimizadas		Estudantes Não Vitimizadas				
	M	DP	M	DP			
Satisfação com a Vida (SWLS)	21.22	.7	23.41	.66	5.122 *	.025	.032

Nota. * $p < .05$

2.2.2. Satisfação Sexual

De forma a avaliar possíveis associações entre a vitimização sexual e a dimensão da satisfação sexual das estudantes universitárias, foi realizada uma análise de correlação de *Pearson*. A análise não identificou correlações significativas entre as variáveis, $r = -.063$; $p = .492$ (cf. Tabela 6).

Tabela 6. Correlação entre a dimensão da satisfação sexual e a vitimização sexual das estudantes universitárias

	Vitimização Sexual	
	p	Correlação de <i>Pearson</i>
Satisfação Sexual (GMSEX) ¹	.492	-.063

¹ Os valores apresentados correspondem aos valores totais obtidos por cada participante na escala GMSEX (valores mais elevados significam uma menor satisfação sexual).

De forma a verificar a possível existência de diferenças significativas ao nível da satisfação sexual entre as estudantes que reportaram já ter sido alvo de comportamentos sexualmente agressivos e as estudantes que não reportaram histórico de vitimização sexual,

foi realizada uma análise univariada da covariância (ANCOVA). Para o efeito, usou-se como variável independente a vitimização sexual (grupo com vitimização sexual vs. grupo sem vitimização sexual) e como variável dependente as pontuações obtidas na dimensão de satisfação sexual, avaliada pela escala *GMSEX*. Foi introduzida na análise como covariável o índice geral de sintomas (*IGS*), avaliado pelo *BSI*, na medida em que esta dimensão se poderia constituir variável confundente dos resultados.

Deste modo, depois de controlado o efeito da covariável, a análise univariada da covariância não revelou efeitos significativos da vitimização sexual a nível da satisfação sexual, $F(1,119) = .100$; $p = .752$.; $\eta^2 = .001$ (cf. Tabela 7).

Tabela 7. Satisfação sexual em função da vitimização sexual. Análise univariada da covariância (covariável: índice de psicopatologia geral)

	Vitimização Sexual				$F(1,119)$	p	η^2 parcial
	Estudantes Vitimizadas		Estudantes Não Vitimizadas				
	M	DP	M	DP			
Satisfação Sexual (<i>GMSEX</i>)¹	9.58	.64	9.3	.59	.100	.752	.001

¹ Os valores apresentados correspondem aos valores totais obtidos por cada participante na escala *GMSEX* (valores mais elevados significam uma menor satisfação sexual).

3. Discussão

Através da revisão da literatura verificou-se uma escassez de evidência científica no que respeita ao impacto que as experiências sexualmente agressivas podem ter em dimensões do bem-estar global e sexual, nomeadamente no contexto universitário. A importância e necessidade de existirem investigações focadas nesta temática prende-se com o facto de se registar elevada incidência e prevalência de violência sexual durante o período académico referente à universidade, bem como pelo facto de este tipo de experiências abusivas acarretar consequências negativas para as suas vítimas. Neste sentido, o presente estudo propôs-se a avaliar a relação entre a violência sexual e dimensões como a satisfação com a vida e satisfação sexual, tendo também em conta a psicopatologia, em estudantes universitárias vítimas deste tipo de violência. Pretende-se, assim, contribuir para o alargamento do escasso

conhecimento acerca destas dimensões e oferecer um contributo para o desenvolvimento futuro de intervenções na área da saúde psicológica e sexual em contexto universitário.

Deste modo, um primeiro dado que merece referência diz respeito à percentagem de estudantes que referiu ter sido vítima de alguma forma de agressão sexual (anterior ou durante a frequência universitária). Este resultado corrobora a literatura existente visto que tem vindo a ser defendida, através de estudos internacionais e nacionais, a elevada prevalência de violência sexual no contexto universitário (*e.g.*, Paiva & Figueiredo, 2004) devido, entre outros, ao facto de esta população se encontrar numa fase de extrema vulnerabilidade face a este tipo de violência (*e.g.*, imaturidade emocional, inexperiência relacional, período de iniciação da atividade sexual; Serquina-Ramiro, 2005). Neste sentido, por se constituir um período crítico para o desenvolvimento de problemas sexuais e adoção de comportamentos de risco (Quinta Gomes & Nobre, 2014), torna-se evidente a importância de estudos focados em conhecer a realidade da agressão e vitimização sexuais neste contexto, em identificar variáveis que possam agir como facilitadores ou protetores destes comportamentos e em desenvolver programas de prevenção, reforçando, assim, a intervenção a este nível.

No que concerne à satisfação com a vida, os resultados mostraram uma associação significativa e negativa entre a vitimização sexual e esta dimensão, o que significa que a perceção individual de satisfação global com a vida evidenciada pelas estudantes da nossa amostra encontra-se negativamente afetada pela experiência de alguma forma de agressão sexual, conforme avançado pela nossa hipótese inicial. Estes dados ganham consistência com os resultados obtidos através da análise comparativa que mostraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, mesmo após ser controlado o efeito da psicopatologia, em que as estudantes universitárias que reportaram ter sido alvo de comportamentos sexualmente agressivos apresentaram níveis significativamente mais baixos nesta dimensão, comparativamente às estudantes que não reportaram histórico deste tipo de violência. Estes resultados corroboram a literatura existente sobre o tema, na medida em que tem vindo a ser defendido que a sexualidade representa uma das valências com impacto significativo sobre a qualidade e consequente satisfação com a vida (Vilarinho, 2010), pelo que sofrer de uma experiência sexual indesejada, como ser alvo de comportamentos sexualmente agressivos, pode influenciar negativamente a auto-estima global e sexual, a satisfação corporal e, consequentemente, o bem-estar geral e satisfação com a vida das vítimas (Smith, 2007).

Relativamente à dimensão da satisfação sexual, não se verificou qualquer efeito significativo nesta amostra, contrariamente à hipótese inicialmente avançada. Contudo, as análises descritivas revelaram uma tendência das estudantes universitárias vitimizadas para apresentar níveis inferiores de satisfação sexual comparativamente às estudantes não vitimizadas. Ainda que nas análises comparativas esta diferença não se tenha revelado estatisticamente significativa, estes dados vão ao encontro da escassa literatura existente acerca desta temática, que tem revelado que a vitimização sexual tem um impacto significativo e negativo na satisfação sexual (Summers et al., 1979; Orlando & Koss, 1983).

Apesar de não ter sido variável sujeita a avaliação neste estudo, não podemos deixar de fazer referência aos índices de psicopatologia encontrados nas estudantes vítimas de agressão sexual. De facto, as estudantes vitimizadas apresentaram valores mais elevados em todas as dimensões de psicopatologia avaliadas (ansiedade, depressão, somatização, índice geral de sintomas), comparativamente às estudantes que não foram vítimas de agressão sexual. Pelo facto de este ser um tópico amplamente estudado e que tem revelado de forma consistente que as vítimas de comportamentos sexualmente agressivos apresentam níveis mais elevados de sofrimento emocional e desenvolvem mais quadros psicopatológicos (*e.g.*, perturbação de stress pós-traumático, depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, sexuais e de humor; Souza, 2012), optou-se por incluir o indicador geral de psicopatologia (IGS) nas análises comparativas de forma a controlar o seu potencial efeito nos resultados (tendo em conta, também, que esta dimensão mostrou estar associada à vitimização na nossa amostra).

Apesar do carácter inovador e exploratório do presente estudo, importa reconhecer algumas limitações que podem ter condicionado os resultados obtidos. Antes de mais, mencionar que o objetivo inicial consistia em avaliar o impacto da vitimização sexual em ambos os géneros, no entanto, tal não foi possível devido ao reduzido número de participantes masculinos que relataram ter sido alvo de comportamentos sexualmente agressivos, pelo que se optou por avaliar o impacto da violência sexual nas dimensões da satisfação com a vida e da satisfação sexual apenas nas vítimas do género feminino. Assim sendo, torna-se importante ressaltar que a par desta limitação, bem como do facto de se tratar de uma amostra exclusivamente universitária, deverá haver cautela na generalização dos resultados a outras populações e faixas etárias, urgindo a necessidade de se realizarem mais estudos, com amostras maiores e mais abrangentes. Por seu turno, o presente estudo constituiu-se parte integrante de um protocolo de avaliação mais abrangente, cuja dimensão pode ter condicionado em algum grau as respostas dos participantes aos questionários

(aumentando a probabilidade de respostas aleatórias) e justificar a elevada taxa de abandono inicial. A amostra assim obtida poderá ter apresentado pouca variabilidade nas respostas e tal pode justificar o baixo poder estatístico dos resultados encontrados. Aponta-se ainda o facto de se ter recorrido a uma escala para avaliar a vitimização que engloba comportamentos sexualmente agressivos de gravidade elevada e que pode ter deixado de parte alguns estudantes que tenham sido alvo de outras formas de agressão sexual consideradas menos graves, mas igualmente importantes e com impacto negativo nas vítimas (*e.g.*, *sexting*). Outro aspeto importante e que nem sempre é totalmente possível contornar em estudos desta natureza é a questão da desejabilidade social. Apesar de ser um estudo realizado em plataforma *online*, em que a privacidade e o anonimato das respostas estão assegurados, é importante admitir a possibilidade de esta dimensão não ter sido totalmente controlada nas respostas dos sujeitos.

Apesar das limitações deste, destaca-se o seu potencial inovador uma vez que aborda dimensões ainda pouco estudadas na literatura, contribuindo, desse modo, para o aumento do conhecimento do fenómeno da violência sexual, bem como das suas repercussões ao nível da satisfação com a vida e da satisfação sexual das vítimas deste tipo de comportamento. O facto de se focar no contexto universitário, este estudo reconhece a importância do risco associado a esta população que se encontra numa fase complexa do desenvolvimento humano, pelo que este tipo de abuso pode condicionar, futuramente, a vivência de sexualidade saudável e gratificante e, conseqüentemente, o bem-estar geral e qualidade de vida das vítimas. Acreditamos que os resultados obtidos possam contribuir para o desenvolvimento de programas e estratégias de intervenção eficazes direcionados para a vivência de experiências sexuais indesejadas e para as conseqüências que esta pode acarretar no bem-estar e na saúde sexual dos estudantes universitários.

Posto isto, sugere-se, no futuro, o desenvolvimento de programas de prevenção com estudantes em geral, com o intuito de os alertar acerca dos diversos tipos de violência e estratégias para se protegerem dos mesmos, bem como o investimento na intervenção com aqueles que relataram ter sido já alvo deste tipo de comportamentos, de forma a auxiliar na gestão do impacto deste tipo de experiências sexuais indesejadas na saúde mental e sexual, e no desenvolvimento de competências de proteção com vista a evitar situações de risco e abusos futuros.

4. Conclusão

Este trabalho, propôs-se a avaliar o impacto da violência sexual na satisfação com a vida e na satisfação sexual das vítimas deste tipo de agressão, pretendendo, assim, contribuir para o alargamento do escasso conhecimento acerca destas dimensões e oferecer um contributo para o desenvolvimento futuro de intervenções na área da saúde psicológica e sexual em contexto universitário. Os resultados mostraram uma associação negativa entre a vitimização sexual e a satisfação com a vida, assim como a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as estudantes que reportaram ter sido alvo de comportamentos sexualmente agressivos e aquelas que não reportaram esse histórico, ao nível da dimensão da satisfação com a vida. Por sua vez, no que concerne à dimensão da satisfação sexual, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos, embora se tenha verificado uma tendência para valores mais baixos nesta dimensão nas vítimas de comportamentos sexualmente agressivos.

Estes resultados mostram a importância de se estudar o impacto da agressão sexual ao nível da saúde e do bem-estar geral e sexual das vítimas e sublinha a necessidade de se desenvolverem mais estudos no contexto universitário, que tenham em conta a inclusão de outras formas de comportamentos sexualmente agressivos. Desta forma, estamos em condições para criar estratégias mais eficazes de prevenção deste tipo de problemática e de minimização do seu impacto nas vítimas, potenciando o bem estar-geral e a vivência de sexualidade saudável e gratificante.

Referências Bibliográficas

- Abbey, A., Ross, L.T., McDuffie, D., & McAuslan, P. (1996). Alcohol, misperception, and sexual assault: How and why are they linked. In D.M. Buss & N. Malamuth (Eds.), *Sex, power, conflict: Feminist and evolutionary perspectives* (138-161). London: Oxford University Press. Alex
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Aronowitz, T., Lambert, C. A., & Davidoff, S. (2012). The Role of Rape Myth Acceptance in the Social Norms Regarding Sexual Behavior among College Students. *Journal of Community Health Nursing*, 29(3), 173-182.
- APAV (2013). Manual unisexo para o atendimento a vítimas adultas de violência sexual. Lisboa, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. Acedido em Julho de 2019 em <http://www.apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e3>
- Byers, E. S. (2007). The Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction: Implications for Sex Therapy with Couples. *Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy*, 33(2). Retrieved from <https://cjcrc.ualgary.ca/article/view/58618>
- Campbell, R., Dworkin, E., & Cabral, G. (2009). An Ecological Model of the Impact of Sexual Assault on Women's Mental Health. *Trauma, Violence, & Abuse*, 10, 225-246. https://www.sagepub.com/sites/default/files/upm-binaries/40603_1.pdf
- Canavarro, M. (1995). Inventário de sintomas psicopatológicas-BSI Testes e Provas Psicológicas em Portugal, 2, 95-109 (Simões, M., Gonçalves, M. & Almeida, L.-Eds.). Braga: APPORT/SHO.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI): Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população Portuguesa*, 3, 305-331.
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2012). Dynamic Factors of Sexual Aggression: The Role of Affect and Impulsiveness. *Criminal Justice and Behavior*, 40(4), 376-387. <https://doi.org/10.1177/0093854812451682>

- Carvalho, J., Quinta-Gomes, A., & Nobre, P. J. (2013). The sexual functioning profile of a nonforensic sample of individuals reporting sexual aggression against women. *Journal of Sexual Medicine*, 10(7), 1744–1754. <https://doi.org/10.1111/jsm.12188>
- Carvalho, J., & Sá, A. (2017). Male college student using sexually aggressive strategies: Findings on the interpersonal relationship profile. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(3-4), 646-661. <https://doi.org/10.1177/0886260516689779>
- Carvalho, J., Rosa, P. J., & Pereira, B. (2018). Dynamic Risk Factors Characterizing Aggressive Sexual Initiation by Female College Students. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260518760010>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Deming, M. E., Covan, E. K., Swan, S., & Billings, D. L. (2013). Exploring Rape Myths, Gendered Norms, Group Processing, and the Social Contexto of Rape Among College Women: A Qualitative Analysis. *Violence Against Women*, 19(4), 465-485. <https://doi.org/10.1177/1077801213487044>
- Derogatis, L. R., & Spencer, P. M. (1982). BSI administration and procedures manual. *Baltimore: Clinical Psychometric Research*.
- Derogatis, L. R., & Melisaratos, N. (1983). The Brief Symptom Inventory: an introductory report The Brief Symptom Inventory: an introductory report. *Cambridge.Org*, (July 2009), 595–605. <https://doi.org/10.1017/S0033291700048017>
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 91-95. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13
- Dundon, C. M., & Rellini, A. H. (2010). More than sexual function: Predictors of sexual satisfaction in a sample of women age 40-70. *Journal of Sexual Medicine*, 7(2 PART 2), 896–904. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2009.01557.x>
- Federação Académica de Lisboa [FAL] (2019). Violência Sexual na Academia de Lisboa: Prevalência e Perceção dos Estudantes. Centro de Estudos da Federação Académica de Lisboa

- Feldman-Summers, S., Gordon, P. E., & Meagher, J. R. (1979). The impact of rape on sexual satisfaction. *Journal of Abnormal Psychology*, 88(1), 101–105. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.88.1.101>
- Finkelhor, D. (1984). *Child sexual abuse: New theory and research*. New York: The Free Press.
- Fisher, B. S., Cullen, F. T., & Turner, M. G. (2000). *The sexual victimization of college women: Research report*. Washington, DC: Bureau of Justice Statistics, Department of Justice.
- Ford, J., & Soto-Marquez, J. G. (2016). Sexual Assault Victimization Among Straight, Gay/Lesbian, and Bisexual College Students. *Violence and Gender*, 3(2), 107–115. <https://doi.org/10.1089/vio.2015.0030>
- Giacomoni, C. H. (2002). *Bem-estar subjetivo infantil, conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação* (Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- Greene, D. M., & Navarro, R. L. (1998). Situation-Specific Assertiveness in the Epidemiology of Sexual Victimization Among University Women. *Psychology of Women Quarterly*, 22(4), 589–604. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1998.tb00179.x>
- Haranin, E., Huebner, E. S., & Suldo, S. M. (2007). Predictive and incremental validity of global and domain-based adolescent life satisfaction reports. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 25(2), 127–138. <https://doi.org/10.1177/0734282906295620>
- Henderson, A. W., Lehavot, K., & Simoni, J. M. (2009). Ecological models of sexual satisfaction among lesbian/bisexual and heterosexual women. *Archives of Sexual Behavior*, 38(1), 50–65. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9384-3>
- Hunter, J. A. (2012). Patterns of sexual offending in juveniles and risk factors. In E. J. Ryan, J. A. Hunter, & D. C. Murrie (Eds.), *Juvenile sex offenders: A guide to evaluation and treatment for mental health professionals* (pp. 34-53), New York: Oxford University Press.

- Jordan, C. E., Campbell, R., & Follingstad, D. (2010). Violence and Women's Health: The Impact of Physical, Sexual, and Psychological Aggression. *Annual Review of Clinical Psychology*, 6, 607-628.
- Kilpatrick, D. G., Acierno R., Resnick, H. S., Saunders, B. E., & Best C. L. (1997). A 2-year longitudinal analysis of the relationships between violent assault and substance use in women. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(5), 834-847. <https://doi.org/10.1037/0022-006x.65.5.834>
- Koss, M. P., Gidycz, C. A., & Wisniewski, N. (1987). The scope of rape: Incidence and prevalence of sexual aggression and victimization in a national sample of higher education students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55, 162-170. <https://doi.org/10.1037/0022-006x.55.2.162>
- Koss, M.P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S; Norris, J., Testa, C., Ullman, S., West, C., & White, J. (2007). Revising the SES: A collaborative process to improve assessment of sexual aggression and victimization. *Psychology of Women Quarterly*, 31(4), 357-370. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00385.x>
- Kuffel, S. W., & Katz, J. (2002). Preventing physical, psychological, and sexual aggression in college dating relationships. *Journal of Primary Prevention*, 22(4), 361-374. <https://doi.org/10.1023/A:1015275506306>
- Laumann, E. O., Paik, A., Glasser, D. B., Kang, J.-H., Wang, T., Levinson, B., ... Gingell, C. (2006). A Cross-National Study of Subjective Sexual Well-Being Among Older Women and Men: Findings From the Global Study of Sexual Attitudes and Behaviors. *Archives of Sexual Behavior*, 35(2), 143-159. <https://doi.org/10.1007/s10508-005-9005-3>
- Lawrence, K., & Byers, E. S. (1995). Development of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction in long-term relationships. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 1, 123-128. Retrieved from <https://psycnet.apa.org/record/1996-02794-004>
- Lawrence, K., & Byers, E. (1998) Interpersonal exchange model of sexual satisfaction questionnaire. In C.M. Davis, W.L. Yarber, R. Bauserman, G. Shreer, & S. L. Davis (Eds.), *Sexuality-related measure: A compendium* (2nd ed., pp. 514-519). Thousand Oaks, CA: Sage.

- Logan, T. K., Cole, J., & Capillo, A. (2007). Differential characteristics of intimate partner, acquaintance, stranger rape survivors examined by a sexual assault nurse examiner. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(8), 1066-1076. <https://doi.org/10.1177/0886260507302996>
- Lussier, P., & Healey, J. (2010). Searching for the developmental origins of sexual violence: examining the co-occurrence of physical aggression and sexual behaviors in early childhood. *Behavioral Sciences & the Law*, 28(1), 1-23.
- Martin, K., Huebner, E. S., & Valois, R. F. (2008). Does life satisfaction predict adolescent victimization experiences? *Psychology in the Schools*, 45(8), 705-714. <https://doi.org/10.1002/pits.20336>
- Martins, S. M. C. (2012). *Vitimização e perpetração sexual em jovens adultos: da caracterização da prevalência às atitudes* (Tese de doutoramento em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal).
- Martins, J., Simões, M. (2019). *Crime, Desvio e Risco na Adolescência*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Mendes, J. M., Duarte, M., Araújo, P., & Lopes, R. (2013). Violência e relações de intimidade no ensino superior em Portugal: representações e práticas. *Teoria & Sociedade*, 21(2), 87-112.
- Neilson, E. C., Gilmore, A. K., Pinsky, H. T., Shepard, M. E., Lewis, M. A., & George, W. H. (2015). The Use of Drinking and Sexual Assault Protective Behavioral Strategies: Associations With Sexual Victimization and Revictimization Among College Women. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(1), 137–158. <https://doi.org/10.1177/0886260515603977>
- Neto, F., Oliveira, J. B., & Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. Retrieved from <https://hdl.handle.net/10216/97793>
- Neves, S., Correia, A., Torres, J., Borges, J., Silva, E., Topa, J. (2018). UNi+ - Programa de prevenção da violência no namoro em contexto universitário: Enquadramento concetual e resultados do diagnóstico de necessidades. In S. Neves e A. Correia (Orgs.), *Violências no Namoro*. Maia: Edições ISMAI. 2018.
- Nodin, N. (2001). Os Jovens Portugueses e a Sexualidade em Finais do Século XX. col. *Estudos APF*, Lisboa.

- OMS (2001). Declaração sobre os Jovens e o Álcool. Conferência Ministerial Europeia sobre os Jovens e o Álcool, Estocolmo. In *Organização Mundial de Saúde*.
- OMS. (2012). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. In *Organização Mundial da Saúde*.
- Orlando, J. A., & Koss, M. P. (1983). The effects of sexual victimization on sexual satisfaction: A study of the negative-association hypothesis. *Journal of Abnormal Psychology*, 92(1), 104–106. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.92.1.104>
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Pascoal, P., Narciso, I., Pereira, N., & Ferreira, A. (2013). Processo de validação da Global Measure of Sexual Satisfaction em três amostras da população portuguesa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 691–700. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722013000400009>
- Pavot, W. & Diener, E. (1993). Review of the satisfaction with life scale. *Psychological Assessment*, 5(2), 164-172.
- Quinta Gomes, A. L., & Nobre, P. J. (2014). Prevalence of sexual problems in Portugal: Results of a population-based study using a stratified sample of men aged 18 to 70 years. *Journal of Sex Research*, 51(1), 13-21. <https://doi.org/10.1080/00224499.2012.744953>
- Rodrigues, A. L., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2011). Práticas e comportamentos de vitimização na relação de namoro em estudantes do ensino superior. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4(1), 197-206.
- Rush, M. E. (2000). Young woman's experiences of dating violence: A phenomenological study. *Dissertation Abstracts International, section B: The Sciences and Engineering*, 60, 4524.
- Sabina, C., & Ho, L. Y. (2014). Campus and College Victim Responses to Sexual Assault and Dating Violence: Disclosure, Service Utilization, and Service Provision. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15(3), 201-226. <https://doi.org/10.1177/1524838014521322>

- Scott, V. C., Sandberg, J. G., Harper, J. M., & Miller, R. B. (2012). The Impact of Depressive Symptoms and Health on Sexual Satisfaction for Older Couples: Implications for Clinicians. *Contemporary Family Therapy*, 34(3), 376–390. <https://doi.org/10.1007/s10591-012-9198-2>
- Serquina-Ramiro, L. (2005). Physical intimacy and sexual coercion among adolescent intimate partners in the Philippines. *Journal of Adolescent Research*, 20(4), 476–496. <https://doi.org/10.1177/0743558405275170>
- Seto, M. C., & Lalumière, M. L. (2010). What is so special about male adolescent sexual offending? A review and test of explanations through meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 136(4), 526.
- Smith, C. (2007). In pursuit of 'good' sex: Self-determination and the sexual experience. *Journal of Social & Personal Relationships*, 24(1), 69–85. <https://doi.org/10.1177/0265407507072589>
- Souza, F. B. C. de, Drezett, J., Meirelles, A. de C., & Ramos, D. G. (2012). Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual. *Reprodução & Climatério*, 27(3), 98–103. <https://doi.org/10.1016/j.recli.2013.03.002>
- Suldo, S. M., & Huebner, E. S. (2004). The role of life satisfaction in the relationship between authoritative parenting dimensions and adolescent problem behavior. *Social Indicators Research*, 66(1/2), 165–195. <https://doi.org/10.1023/b:soci.0000007498.62080.1e>
- Veríssimo, C. M. F., de Campos Silva, T. M., Ferreira, R. M. F. J. P., Felizardo, H. M. M., Paiva, L. A. R., Tavares, J. R. M., ... & Soares, S. F. A. (2010). Prevalência dos comportamentos de perpetração e/ou vitimização nas relações de intimidade nos estudantes de enfermagem. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 525–534.
- Vilarinho, S., (2010). *Funcionamento e satisfação sexual feminina: Integração do afecto, variáveis cognitivas e relacionais, aspetos biológicos e contextuais* (Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal).
- Ward, T., & Beech, A. (2006). An integrated theory of sexual offending. *Aggression and Violent Behavior*, 11(1), 44–63. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2005.05.002>

WHO (2002). *World report on violence and health*. World Health Organization.

WHO (2006). *Working together for health*. World Health Organization.

Anexos

Anexo A – Consentimento Informado

Formulário de Consentimento Informado

O estudo no qual irá participar faz parte de um projeto de investigação desenvolvido pelo Laboratório de Investigação em Sexualidade Humana do Centro de Psicologia da Universidade do Porto, em coordenação com a Consulta de Saúde Sexual: Sexologia Clínica, Género e Sexualidades, dos Serviços de Ação Social da Universidade do Porto. Este estudo está sob a responsabilidade científica do Professor Doutor Pedro Nobre e da Professora Doutora Ana Gomes, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e foi aprovado pela Comissão de Ética da mesma faculdade.

Este estudo tem como objetivo principal avaliar diferentes dimensões do funcionamento sexual e do comportamento sexual da comunidade académica da Universidade do Porto. Para participar, é necessário ser apenas maior de idade e pertencer à comunidade académica da Universidade do Porto.

A participação neste estudo implicará o preenchimento de um conjunto de questionários numa plataforma online, destinados a avaliar um conjunto de dimensões psicosexuais, em 3 momentos distintos (momento atual, 12 e 24 meses após o primeiro preenchimento). Por este motivo, solicitamos que, no final deste questionário, voluntariamente forneça um endereço de email para podermos voltar a contactá-lo caso aceite participar nas fases seguintes. O seu endereço de email será armazenado num banco de dados seguro e separado das suas respostas ao inquérito, sendo garantido o anonimato e a confidencialidade das suas respostas.

As respostas aos questionários são anónimas e servem apenas para fins estatísticos. Encontra-se garantida a proteção de todos os seus dados, os quais serão totalmente destruídos no final do estudo. É livre de desistir deste estudo a qualquer momento, caso seja esse o seu desejo, sem que incorra qualquer penalização para si.

A resposta ao questionário inicial demora cerca de 35 minutos e o tempo de resposta aos questionários dos momentos seguintes serão mais curtos, cerca de 10 minutos. De forma a obtermos informação válida, é importante que responda da forma mais sincera possível.

Para qualquer esclarecimento adicional ou para conhecer os resultados da investigação, poderá contactar os responsáveis do estudo, através do seguinte contacto: sexlab@fpce.up.pt.

- Confirmando que tenho mais de 18 anos e que estou de acordo em participar no presente estudo. Foi-me dada uma explicação integral acerca da natureza e objetivos do estudo e concedida a possibilidade de esclarecer todos os aspetos que me pareçam pertinentes. Sei que sou livre de abandonar o estudo, se for esse o meu desejo, e que a minha identidade jamais será revelada e os dados permanecerão confidenciais.
-

Anexo B – Questionário Sociodemográfico



Questionário Sócio-Demográfico

Data de nascimento:...../...../.....

Idade:.... **Sexo:** masculino..... feminino:.....

Estado Civil:

1 Casado..... 2 Solteiro..... 3 União de Facto.... 4 Divorciado..... 5 Separado
6 Viúvo.....

No caso de estar actualmente numa relação, há quanto tempo dura a relação com o seu companheiro/a (por favor especifique em meses)?.....

Habilitações Literárias:

1ª Ciclo (até 4ª Classe)..... 2ª Ciclo (até ao 6º Ano)..... 3ª Ciclo (até ao 9º Ano).....
Secundário (até ao 12º ano) Licenciatura/Mestrado Integrado Outro

Em caso de ser estudante: Número de matrículas no Ensino Superior até à data

Problemas psiquiátricos (anteriores ou actuais) diagnosticados por médico ou psicólogo:

1 Depressão..... 2 Doença Bipolar..... 3 Ansiedade..... 4 Perturbação Obsessivo-Compulsiva.....
5 Esquizofrenia (ou outra doença psicótica) 6 Anorexia 7 Bulimia.....
8 Hiperactividade 9 Jogo Patológico..... 10 Personalidade Boderline
11 Dependência de Drogas..... 12 Alcoolismo.....
13 Outro:.....

Ano do diagnóstico:(por exemplo, 2001)

Actualmente toma algum tipo de medicação?

- 1 Nenhuma..... 2 Antidepressivos..... 3 Ansiolíticos..... 4 Antipsicóticos.....
5 Estabilizadores de Humor..... 6 Sedativos.....

No caso de fazer outra medicação, qual?.....

Orientação Sexual:

- 1 Heterossexual 2 Homossexual 3 Bissexual

Número de parceiros sexuais actuais:

- 1 Nenhum 2 Um parceiro sexual..... 3 Dois parceiros sexuais.....
4 Múltiplos parceiros sexuais.....

Frequência de actividade sexual (qualquer prática sexual):

- 1 Nenhuma..... 2 Raramente..... 3 1 vez por mês..... 4 2/3 vezes por mês.....
5 1/3 vezes por semana..... 6 Quase sempre.....

Idade da primeira relação sexual:

Alguma vez foi vítima de abuso sexual?

- 1 Sim 2 Não.....

Consome Drogas (excepto tabaco e álcool)?:

- 1 Sim..... 2 Não.....

Se sim, 1 Todas as semanas 2 1/3 vezes por mês 3 1/3 vezes por ano.....

Que drogas consome?

.....
.....

Anexo C – Questionário de Experiências Sexuais – Forma Vitimização (SES-SFV)

SES-SFV

(tradução e adaptação Joana Carvalho & Pedro Nobre, 2011)

As questões que se seguem relatam experiências sexuais que poderá ter tido, e que ocorreram contra a sua vontade. Sabemos que são questões pessoais, por isso não perguntamos o seu nome ou outra informação que o identifique. A informação contida neste questionário é confidencial. Esperamos que assim se sinta confortável a responder a cada questão honestamente. Coloque uma marca na caixa mostrando o número de vezes que cada experiência ocorreu. Se várias experiências ocorreram na mesma ocasião - por exemplo, se numa noite alguém lhe disse alguma mentira e teve relações sexuais consigo quando você estava sob o efeito do álcool - deveria marcar ambas as caixas a e c. Os “últimos 12 meses” referem-se ao último ano que passou, a contar do dia de hoje. “Desde os 14 anos”, refere-se à sua vida a partir do seu 14º aniversário até ao ano anterior ao último ano que passou.

EXPERIÊNCIAS SEXUAIS

		Quantas vezes nos últimos 12 meses?				Quantas vezes desde os 14 anos?				
		0	1	2	3+	0	1	2	3+	
1.	Alguém acariciou, beijou, ou roçou-se contra as partes privadas do meu corpo (lábios, mamas/peito, entre as pernas ou rabo) ou tirou algumas das minhas roupas sem o meu consentimento (mas não tentou penetração sexual):									
	a. Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca de mim, fazendo promessas que eu sabia serem mentira, ou pressionando-me verbalmente de forma continuada depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	b. Mostrando descontentamento, criticando a minha sexualidade ou atracção, ficando zangado mas sem usar força física, depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	c. Tirando vantagem de mim quando estava muito bêbada ou fora de mim para impedir o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	d. Ameaçando magoar-me fisicamente ou a alguém relacionado com comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	e. Usando força, por exemplo, prendendo-me com o peso do seu corpo, segurando os meus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.	Alguém teve sexo oral comigo ou fez-me ter sexo oral com ele/a sem o meu consentimento:									
	a. Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca de mim, fazendo promessas que eu sabia serem mentira, ou pressionando-me verbalmente de forma continuada depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	b. Mostrando descontentamento, criticando a minha sexualidade ou atracção, ficando zangado mas sem usar força física, depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	c. Tirando vantagem de mim quando estava muito bêbada ou fora de mim para impedir o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	d. Ameaçando magoar-me fisicamente ou a alguém relacionado com comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	e. Usando força, por exemplo, prendendo-me com o peso do seu corpo, segurando os meus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Quantas vezes nos últimos 12 meses?				Quantas vezes desde os 14 anos?			
		0	1	2	3+	0	1	2	3+
3.	<i>Se for homem assinale a caixa <input type="checkbox"/> e passe para a questão 4.</i> Um homem colocou o seu pênis na minha vagina ou alguém inseriu dedos ou objectos sem o meu consentimento:								
	a. Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca de mim, fazendo promessas que eu sabia serem mentira, ou pressionando-me verbalmente de forma continuada depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	b. Mostrando descontentamento, criticando a minha sexualidade ou atracção, ficando zangado mas sem usar força física, depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	c. Tirando vantagem de mim quando estava muito bêbada ou fora de mim para impedir o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	d. Ameaçando magoar-me fisicamente ou a alguém relacionado com comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	e. Usando força, por exemplo, prendendo-me com o peso do seu corpo, segurando os meus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.	Um homem colocou o seu pênis no meu rabo, ou alguém inseriu dedos ou objectos sem o meu consentimento:								
	a. Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca de mim, fazendo promessas que eu sabia serem mentira, ou pressionando-me verbalmente de forma continuada depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	b. Mostrando descontentamento, criticando a minha sexualidade ou atracção, ficando zangado mas sem usar força física, depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	c. Tirando vantagem de mim quando estava muito bêbada ou fora de mim para impedir o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	d. Ameaçando magoar-me fisicamente ou a alguém relacionado com comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	e. Usando força, por exemplo, prendendo-me com o peso do seu corpo, segurando os meus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.	Mesmo que não tenha acontecido, alguém TENTOU ter sexo oral comigo ou fazer-me ter sexo oral com ele/a sem o meu consentimento:								
	a. Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca de mim, fazendo promessas que eu sabia serem mentira, ou pressionando-me verbalmente de forma continuada depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	b. Mostrando descontentamento, criticando a minha sexualidade ou atracção, ficando zangado mas sem usar força física, depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	c. Tirando vantagem de mim quando estava muito bêbada ou fora de mim para impedir o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	d. Ameaçando magoar-me fisicamente ou a alguém relacionado com comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	e. Usando força, por exemplo, prendendo-me com o peso do seu corpo, segurando os meus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Quantas vezes nos últimos 12 meses?	Quantas vezes desde os 14 anos?
		0 1 2 3+	0 1 2 3+
6.	Se for homem assinale a caixa <input type="checkbox"/> e passe para a questão 7. Mesmo que não tenha acontecido, um homem TENTOU pôr o pênis na minha vagina ou alguém tentou pôr dedos ou objectos sem o meu consentimento:		
	a. Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca de mim, fazendo promessas que eu sabia serem mentira, ou pressionando-me verbalmente de forma continuada depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	b. Mostrando descontentamento, criticando a minha sexualidade ou atracção, ficando zangado mas sem usar força física, depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	c. Tirando vantagem de mim quando estava muito bêbada ou fora de mim para impedir o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	d. Ameaçando magoar-me fisicamente ou a alguém relacionado com comigo.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	e. Usando força, por exemplo, prendendo-me com o peso do seu corpo, segurando os meus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

7.	Mesmo que não tenha acontecido, um homem TENTOU pôr o pênis no meu rabo, ou alguém tentou pôr dedos ou objectos sem o meu consentimento:		
	a. Dizendo mentiras, ameaçando acabar a relação, ameaçando espalhar boatos acerca de mim, fazendo promessas que eu sabia serem mentira, ou pressionando-me verbalmente de forma continuada depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	b. Mostrando descontentamento, criticando a minha sexualidade ou atracção, ficando zangado mas sem usar força física, depois de eu dizer que não queria.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	c. Tirando vantagem de mim quando estava muito bêbada ou fora de mim para impedir o que estava a acontecer.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	d. Ameaçando magoar-me fisicamente ou a alguém relacionado com comigo.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	e. Usando força, por exemplo, prendendo-me com o peso do seu corpo, segurando os meus braços, ou usando uma arma.	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

8. Eu sou: Mulher Homem A minha idade é _____ anos e _____ meses.

9. Algum dos actos descritos neste inquérito aconteceu-lhe uma ou mais vezes? Sim Não

Qual era o sexo da pessoa (ou pessoas) que lhe fez estes actos?

- Mulheres apenas
Homens apenas
Mulheres e Homens
Não referi qualquer experiência

10. Alguma vez foi violada/o? Sim Não

Anexo D – Escala de Satisfação com a Vida (SWLS)

**ESCALA DE SATISFAÇÃO COM A VIDA
(SWLS ; Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985)**

(Tradução e adaptação de Sandra Vilarinho e Pedro Nobre, 2005)

Abaixo encontram-se 5 afirmações com as quais poderá ou não concordar. Usando uma escala de 1 a 7, como a que a seguir se descreve, indique o seu grau de concordância com cada item, assinalando com um círculo ou uma cruz o número correspondente à sua resposta. Por favor, seja aberto e honesto nas suas respostas.

Para registar as suas respostas use a seguinte escala de 7 pontos:

- 1 = *Discordo fortemente*
- 2 = *Discordo*
- 3 = *Discordo ligeiramente*
- 4 = *Não concordo nem discordo*
- 5 = *Concordo ligeiramente*
- 6 = *Concordo*
- 7 = *Concordo fortemente*

	<i>Discordo fortemente</i>	<i>Discordo</i>	<i>Discordo ligeiramente</i>	<i>Não concordo nem discordo</i>	<i>Concordo ligeiramente</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo fortemente</i>
1. Em muitos sentidos, a minha vida está próxima do meu ideal	1	2	3	4	5	6	7
2. As condições da minha vida são excelentes	1	2	3	4	5	6	7
3. Estou satisfeito/a com a minha vida	1	2	3	4	5	6	7
4. Até ao momento tenho alcançado as coisas importantes que desejo na vida	1	2	3	4	5	6	7
5. Se pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada	1	2	3	4	5	6	7

Anexo E – Medida Global de Satisfação Sexual (GMSEX)

Medida Global de Satisfação Sexual (GMSEX; Lawrence & Byers, 1995; tradução e adaptação de Pascoal, Narciso e Pereira, 2012)

Na globalidade, como descreveria a sua relação *sexual* com o seu companheiro? Para *cada* par de palavras abaixo, circule o número que melhor descreve a vossa relação sexual.

Muito boa	1	2	3	4	5	6	7	Muito má
Muito agradável	1	2	3	4	5	6	7	Muito desagradável
Muito positiva	1	2	3	4	5	6	7	Muito negativa
Muito satisfatória	1	2	3	4	5	6	7	Muito insatisfatória
Muito valiosa	1	2	3	4	5	6	7	Sem valor

Anexo F – Inventário Breve de Sintomas (BSI)

BREVE INVENTÁRIO DE SINTOMAS

(BSI; L. R. Derogatis, 1983)

(Tradução e Adaptação de M. C. Canavarro, 1995)

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O AFECTOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

EM QUE MEDIDA FOI AFECTADO PELOS SEGUINTE SINTOMAS					
	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior	1	2	3	4	5
2. Desmaios ou tonturas	1	2	3	4	5
3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos	1	2	3	4	5
4. Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas	1	2	3	4	5
5. Dificuldade em lembrar-se de coisas passadas ou recentes	1	2	3	4	5
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente	1	2	3	4	5
7. Dores sobre o coração ou no peito	1	2	3	4	5
8. Medo na rua ou praças públicas	1	2	3	4	5
9. Pensamentos de acabar com a vida	1	2	3	4	5
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas	1	2	3	4	5
11. Perder o apetite	1	2	3	4	5
12. Ter um medo súbito sem razão para isso	1	2	3	4	5
13. Ter impulsos que não se podem controlar	1	2	3	4	5
14. Sentir-se sozinho mesmo quando se está com mais pessoas	1	2	3	4	5
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho	1	2	3	4	5
16. Sentir-se sozinho	1	2	3	4	5
17. Sentir-se triste	1	2	3	4	5
18. Não ter interesse por nada	1	2	3	4	5
19. Sentir-se atemorizado	1	2	3	4	5
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus interesses	1	2	3	4	5
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de si	1	2	3	4	5
22. Sentir-se inferior aos outros	1	2	3	4	5
23. Vontade de vomitar ou mal estar no estômago	1	2	3	4	5
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si	1	2	3	4	5
25. Dificuldade em adormecer	1	2	3	4	5
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz	1	2	3	4	5
27. Dificuldade em tomar decisões	1	2	3	4	5
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro	1	2	3	4	5
29. Sensação de que lhe falta o ar	1	2	3	4	5
30. Calafrios ou afrontamentos	1	2	3	4	5

EM QUE MEDIDA FOI AFECTADO PELOS SEGUINTE SINTOMAS	Nunca	Poucas vezes	Algumas	Muitas vezes	Muitíssimas
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou actividades por lhe causarem medo	0	1	2	3	4
32. Sensação de vazio na cabeça	0	1	2	3	4
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo	0	1	2	3	4
34. Ter a ideia que deveria ser castigado pelos seus pecados	0	1	2	3	4
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro	0	1	2	3	4
36. Ter dificuldade em se concentrar	0	1	2	3	4
37. Falta de forças em partes do corpo	0	1	2	3	4
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição	0	1	2	3	4
39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer	0	1	2	3	4
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém	0	1	2	3	4
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas	0	1	2	3	4
42. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas	0	1	2	3	4
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias	0	1	2	3	4
44. Grande dificuldade em sentir-se “próximo” de outra pessoa	0	1	2	3	4
45. Ter ataques de terror ou pânico	0	1	2	3	4
46. Entrar facilmente em discussão	0	1	2	3	4
47. Sentir-se nervoso quando tem que ficar sozinho	0	1	2	3	4
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades	0	1	2	3	4
49. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto	0	1	2	3	4
50. Sentir que não tem valor	0	1	2	3	4
51. A impressão que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de si	0	1	2	3	4
52. Ter sentimentos de culpa	0	1	2	3	4
53. Ter a impressão que alguma coisa não regula bem na sua cabeça	0	1	2	3	4